



**INSTITUTO DE ESTUDOS
AVANÇADOS E PÓS-GRADUAÇÃO**

Credenciados pela Portaria 2762-Ministério de Educação e
Cultura- de 06/09/04-D.O.U.-09/09/04

ELIANE DE JESUS HONÓRIO SZPALER

AS ARTES VISUAIS E A EDUCAÇÃO



Ivaiporã
2009

**INSTITUTO DE ESTUDOS
AVANÇADOS E PÓS-GRADUAÇÃO**

Credenciados pela Portaria 2762-Ministério de Educação e
Cultura- de 06/09/04-D.O.U.-09/09/04

ELIANE DE JESUS HONÓRIO SZPALER

AS ARTES VISUAIS E A EDUCAÇÃO

Monografia apresentada à coordenação
do Instituto de Estudos Avançados e Pós-
Graduação – ESAP - Faculdade Iguaçu,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Especialista em Arte e Educação.

Orientador: Prof^ª.Maria Cristina Carreira
do Valle.

Ivaiporã
2009
DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho A Deus pela paciência com meus medos e ansiedades, aos meus pais pela paciência com minhas preocupações, as minhas filhas pela mãe impaciente, ao meu marido pela impaciência com minha impaciência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

...A Deus pelas oportunidades, de crescimento humano e profissional, que sempre precisarei;

...A todos que comigo e sentiram o peso de dias tão estressantes:

A meus pais, que são meu alicerce e de quem um dia lamentarei a ausência, pois os queria eternamente sendo minha força;

... ao meu anjo menina minha filha Éllen Denise, que muitas vezes abdicou seu direito de ter uma mãe para brincar, na correria de estabilizar-me e poder dar-lhe o que talvez não fosse o mais necessário;

...ao meu anjo recém nascido: Ariane Emanuele, com quem tento errar menos e aprender mais;

...ao homem que de tantas cobranças que me faz, me fez uma guerreira que não desiste nunca, meu esposo.

EPÍGRAFE

...uma pequena, ínfima mudança aqui pode
resultar num enorme acontecimento do outro.

Edward Lorenz (1917)

RESUMO

Nosso interesse o tema se deu devido ao fato de que a arte enquanto linguagem não está sendo usada como meio de minorizar a intolerância social que vem de nossa sociedade e entra nas nossas salas de aula, é uma linguagem comunicativa e criativa necessária. A Arte é vista por quase todos como uma perda de tempo, um trabalho inútil, confundido com apenas pinturas de desenhos mimeografados. A não ser os apaixonados por ela. Na verdade , assim como a escrita , a arte também passa por fases, e todos nós passamos pelas mesmas, como na escrita, porém, muitos de nós somos provados do desenvolvimento do nosso lado artístico. Para quê utilizar arte na escola? Sendo a arte um processo criativo do homem, com valores estéticos sintetizadores de suas emoções nos perguntamos a sua utilidade enquanto formadores de opinião e eternos “caçadores” de metodologias valorizadoras e enriquecedoras das atividades de sala de aula, enquanto empreendedores educacionais que busca alternativas para o abismo grandioso dos nossos sistemas de ensino, muitas vezes ignorado por autoridades e manipulado pela mídia política.

Palavras-chave: Linguagem; arte; educação.

LISTA DE ABREVIATURAS

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Antes de Cristo (a.C)

Depois de cristo (d.C)

Século (séc.)

Dom (D')

Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAEs)

International Society for Education (INSEA)

Instituto Educacional de Ensino Avançado (IESDE)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. HISTÓRICO DA ARTE PELO MUNDO	10
1.1 A ARTE DO EGITO ANTIGO	11
1.2 ARTE GREGA	12
1.3 A ARTE ROMANA	14
1.4 A ARTE CRISTÃ PRIMITIVA	15
1.5 ARTE BIZANTINA	15
1.6 A ARTE DOS POVOS NÔMADES E O RENASCIMENTO CAROLÍNGIO, DO SÉC. V AO X	17
1.7 ARTE ROMÂNTICA DO SÉC. IX A X	17
1.8 ARTE GÓTICA, SÉC. XI AO XIII	19
1.9 A ARTE DO FINAL DA IDADE MÉDIA (SÉC. XIII E XIV)	20
1.10 O PRÉ-RENASCIMENTO NA ITÁLIA NO SÉC. XIII	21
1.11 O RENASCIMENTO NA ITÁLIA NO SÉCULO XIV	22
1.12 O ALTO RENASCIMENTO ITALIANO NO SÉC.XVI	23
1.13 A PINTURA VENEZIANA DO SÉCULO XIV AO XVII	25
1.14 A ARTE DO SÉC. XVI FORA DA ITÁLIA, ARTE FLAMENGA	26
1.15 O MANEIRISMO E O INÍCIO DA ARTE BARROCA NO SÉC. XVI	27
1.16 O BARROCO DOS SÉCULOS XVII E XVIII E O ROCOCÓ	28
1.16.1 Barroco no Brasil	29
1.16.2 O Aleijadinho	30

1.17 O SÉC.XIX NEOCLASSICISMO	32
1.17.1 Neoclassicismo no Brasil	33
1.18 O ROMANTISMO	34
1.19 O REALISMO	35
1.20 O IMPRESSIONISMO E O NEO-IMPRESSIONISMO	36
1.21 OS PÓS-IMPRESSIONISTAS	38
1.22 O SÉC. XX: O FAUVISMO, O EXPRESSIONISMO, O CUBISMO, O FUTURISMO, DADAÍSMO, SURREALISMO, ABSTRACIONISMO, OP-ARTE, POP-ARTE	39
1.23 SEMANA DE ARTE MODERNA BRASILEIRA	43
2. ALFABETIZAÇÃO ARTÍSTICA (A ARTE DESDE CRIANÇA)	45
2.1 EVOLUÇÃO GRÁFICA	46
2.1.2 Estágios da Evolução Gráfica	49
2.2 OS CRITÉRIOS DE CONTEÚDOS PARA ARTE	54
3. AS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO	55
3.1 TINTA	56
3.1.1 Cores	57
3.1.2 O que é Bienal	59
3.1.3 Colagem	60
3.2 FERRAMENTAS DO OFÍCIO	60
3.3 ARTES VISUAIS 5ª A 8ª SÉRIES	61
3.3.1 A Arte no Segundo Grau	62
3.3.2 Artes Visuais na Educação Especial	64
3.4 TRÊS PILARES DO ENSINO DE ARTE	71
3.5 COMO AVALIAR EM ARTE SEGUNDO OS PCNs?	73

CONCLUSÃO	76
BIBLIOGRAFIA	83

INTRODUÇÃO

Justificamos que a história da arte é pouco conhecida, bem como os caminhos por ela traçados até chegar aos dias atuais onde se pede o uso da arte na educação diante professores despreparados e de uma sociedade descrente da sua importância enquanto linguagem comunicativa.

Orientando sobre a necessidade de se modificar a visão da arte em nosso meio e abrindo leques para novas pesquisas.

O presente trabalho é composto de três capítulos, no capítulo 1(um), abordamos o histórico da arte pelo mundo, a evolução e a necessidade de se desprender da cópia de outros povos e criar uma arte mais livre.

No capítulo 2(dois) abordamos a arte como uma fase de alfabetização semelhante a alfabetização silábica, onde as crianças podem desenvolver características artísticas na fase de início escolar, o que levarão para o resto de suas vidas, assim como um bom desenvolvimento silábico.

E, finalmente no capítulo 3 (três), abordamos a arte numa visão cultural.

Portanto, nosso objetivo com este trabalho é mostrar como a arte pode ser desenvolvida, apreciada e utilizada como linguagem em nossa vida escolar.

Objetivando destacar o importante papel da Arte na educação como elemento facilitador da aprendizagem de crianças, jovens e adultos, esta pesquisa

se define sobre o interesse em apresentar ao leitor a importante contribuição cultural na educação presente na arte desde o início dos povos.

1. HISTÓRICO DA ARTE PELO MUNDO

O trabalho de grandes mestres do passado e os do presente quer por intuição ou por formulas preestabelecidas souberam compor suas obras com tanta coerência que nos comovem os sentimentos transmitidos em seus trabalhos.

Arte na Pré-História: “Arte na pré-história foi feita antes da invenção da escrita.” (D’Aquino 1980, p. 5).

A manifestação de arte mais importante desse período, devido ao realismo e habilidade técnica que foi concebida, foi descoberta, em fins do séc. XIX. São pinturas murais (parietais) em cavernas d sul da França (Dordonha) e norte espanhol (Cantábria).

Segundo D’Aquino (1980, p.5):

Por isso, suas manifestações artísticas não tinham intenção estética, e sim econômica. Pintavam nas paredes escuras de suas cavernas os animais que tão bem conheciam como fontes de alimento ou de outros meios de sobrevivência, como as peles para se abrigarem do frio intenso: o bisonte, a rena, o mamute, o cavalo.

Por viverem em um ambiente hostil, usavam a magia para se protegerem para eles, um bisonte pintado com uma flecha encravada no flanco significava que este seria realmente abatido, o que os obrigava a mostrar o animal bem legível, num realismo integral, detalhadamente desenhado.

Mas segundo D'Aquino 1980, p.5, “milhares de anos antes, se faziam pequenas esculturas representando figuras femininas muito gordas. Essas estatuetas simbolizavam a fertilidade e a abundância da natureza. Assim, talvez tenha sido a magia a primeira força intuitiva a levar o homem ao ato estético”.

1.1 A ARTE DO EGITO ANTIGO

A arte egípcia antiga (ou faraônica) teve seus primórdios por volta do ano 2500 a.C. durando três milênios, e se mantendo quase imutável ao seu estilo monumental.

Segundo D'Aquino 1980, p. 6:

A arte egípcia tem um objetivo imediato, pragmático e realista, ela sempre esteve a serviço de uma teocracia, e esta era também extremamente materialista. Tratava-se de um sistema de crenças particularmente voltado para a vida após a morte, mas o defunto devia gozar de todos os seus prazeres mundanos.

Ao Faraó era o primeiro a gozar dessas vantagens, depois os nobres e por último o povo, e a arte contribuía simbolicamente para manter o status do morto, que deveria chegar a outra vida com um corpo intacto, embalsamado (múmia), colocado em sarcófagos superpostos, enterrados em lugares inacessíveis aos violadores de túmulos.

Baixos relevos nas paredes das capelas funerárias, “contavam a vida do defunto, seus momentos de glória e sua riqueza. E também orações que o conduziram sem acidentes ao outro mundo”. (D'Aquino 1980, p. 6).

Nesses baixos relevos que eram levemente escavados para que não sofressem mutilações, as histórias cotidianas do Egito Antigo são contadas,

hieróglifos (escrita ideogramática, pictórica ou silábica) explicam a importância do morto.

Nos baixos relevos e nas esculturas grupais o tamanho da figura varia de acordo com a importância social do indivíduo.

O faraó, considerado deus, é maior que todos, os escravos são reduzidos a diminutas proporções, isso se chama “perspectiva hierárquica”.

Segundo D’Aquino (1980 p.7):

Não há nessas obras de arte a idéia, nem o desejo, de sugerir a profundidade; e sim a de perpetuar os gestos sagrados dos personagens e também retratar seus corpos de modo absoluto. O que se quer é narrar totalmente as coisas como elas são e não como aparecem em nossa visão momentânea.

A cabeça, os seios, as pernas e os pés são desenhados em perfil; os olhos e os ombros aparecem de frente; e o ventre é feito em meio-perfil. Nunca um pé, um braço ou um personagem escondem os outros, pois para eles as figuras devem ser vistas inteiras, na totalidade de seus membros.

1.2 ARTE GREGA

No Primeiro milênio a.C. os Dórios extinguem a população grega miceniana, de Micenas, Grécia.

Segundo D’Aquino (1980, p. 9):

A partir do séc.VIII a.C., surge o embrião da arte grega, voltada para uma nova filosofia: o chamado ideal helênico.As crenças religiosas se restabeleceram, criando divindades antropomórficas,ou seja feitas à base dos sentimentos e do corpo físico de um homem comum.

Esses deuses gregos morando no monte Olimpo, têm paixões e formas humanas, mas são poderosos e imortais, sendo deuses devem possuir belos

corpos, como de nenhum outro na natureza, porém idealizáveis, imagináveis pelos homens.

É o chamado “belo ideal” com proporções perfeitas e atitudes majestosas, sendo que neste ideal grego o homem serve de exemplo deste ideal, alguém capaz de responder questões, formular saídas...

Os antigos gregos formavam, antes de tudo, um povo de comerciantes do mar, pois suas terras pobres e inadequadas à grande agricultura, os levava a se aventurarem mar a fora, expandindo-se por quase todo o Mediterrâneo., após o séc. V a.C, o que lhes permitiu conhecer e assimilar outras culturas.

“Do Egito, os artistas gregos trouxeram a capacidade de representar o ser humano em três dimensões... em estátuas que representavam seus deuses e, excepcionalmente os grandes atletas das Olimpíadas”, (D’Aquino 1980, p.10) estes eram glorificados como deuses.

Para que houvesse um belo ideal também se necessitava de uma proporção ideal, entre as partes e o todo e, para os gregos isso se denominou “cânion ou módulo”, logo, as primeiras estátuas clássicas foram feitas à base de cânion que divide o corpo humano, tendo por base uma medida única.

Os gregos alcançaram a maturidade de seu ideal artístico entre os anos de 450 a 400 a.C. É o chamado 1º classicismo. Miron foi o primeiro grande artista desse período. Seu discóbulo sugere com perfeição a idéia de um atleta lançando um disco sem perder o equilíbrio.

Policleto consegue também dar a perfeição ideal, com noção de proporção do corpo humano, criando o módulo de sete cabeças, onde o corpo de suas esculturas pode ser dividido em sete partes iguais, da mesma medida da cabeça da estátua.

Fídias, o escultor de Péricles e da decoração do Partenon em Atenas, encarna, nos seus trabalhos de baixos-relevos, dando a idéia de dignidade dos deuses do olímpico e ainda sugerindo movimentos grupais, onde o gesto de uma figura se repita nas outras.

No séc. IV a.C. o 2º classicismo aparece, mais individualista no que tange ao estilo dos escultores, menos rígido nas atitudes das estátuas.

A arte passa a sofrer influências do Oriente após as conquistas mundiais de Alexandre o Grande, pois Atenas passa a decadência. Inicia-se o período helenístico, substitui-se o idealismo proporcional do ser humano pelo gosto do colossal, do desproporcional, do dramático. “As formas passam a ser extremamente agitadas, como as dos baixos-relevos do Altar de Pérgamo (Museu de Berlim Oriental)”. (D’Aquino 1980 p. 12).

1.3 A ARTE ROMANA

Com enorme importância civilizadora Roma está muito acima da grandeza de suas obras de arte plástica.

“Suas primeiras e mais importantes manifestações foram os bustos de origem etrusca (atual Toscana), civilização requintada absorvida pelos romanos”. (D’Aquino 1980 p. 13). Em seguida vieram as contribuições helenísticas da Magna Grécia, que se deixou conquistar pela República Romana.

Com a invasão da Grécia continental, em 146 a.C. uma total importação de cultura grega ocorreu, a começar da arte e a seguir até a filosofia indo parar em seus deuses. Cultura estrangeira não assimilada fez da arte romana uma manifestação acadêmica (cópias), que serviam o poder imperial e a elite, tornando-

se uma arte desligada das crenças romanas, com baixos-relevos que imitam os relevos antigos, o mais famosos dele, mandou construir por Augusto, chamado Altar da Paz, trás incoerência entre os seus indivíduos.

Roma foi a civilização ocidental que teve poder absoluto, afrescos executados habilmente (pintura a têmpera sobre cal fresca, virgem) e mosaicos de piso. Tais manifestações, porém são de origens helenística, a Antiguidade clássica terminou com a queda de Roma em 476 d.C.

1.4 A ARTE CRISTÃ PRIMITIVA

As primeiras manifestações dessa arte, também conhecida de arte paleocristã, surgiram de formas rudimentares durante a época em que os cristãos eram perseguidos.

Segundo D'Aquino (1980, p. 14):

São afrescos pintados principalmente nas catacumbas romanas onde os crentes se refugiavam. Não foram feitos por artistas eruditos (profissionais), e sim por cristãos que desejavam homenagear seus mártires ou ilustrar, simbolicamente, Cristo e passagens do velho Testamento que preconizavam o Novo Testamento.

Mulheres orantes aparecem nas pinturas, a cena de Jonas na boca da baleia, simbolizando a ressurreição de Cristo, peixes simbolizando Cristo como homem salvador, Jesus com um cordeiro nos ombros, simbolizando o Bom Pastor.

Assim se deu o início da era icnográfica (ciência de contar histórias ou representá-la através de figuras) desenvolvida em toda a arte cristã.

1.5 ARTE BIZANTINA

Com o Edito de Milão, assinando em 313 pelo imperador Constantino o Grande, o Estado liberou a religião cristã, passando a ser a única crença admitida oficialmente pelo Império Romano, sob proteção de verbas governamentais. Construíram grandes igrejas decoradas com mosaicos.

A arte cristã primitiva, feita agora por hábeis artesãos, toma então o nome de arte bizantina, pois foi na antiga Bizâncio (Constantinopla/Stambul) que ela foi mais esplendorosa, embora hoje, seja em Ravena (Itália) que se encontrem seus mais antigos monumentos melhor conservados.

“... herdeira da cultura grega, mas também é influenciada pela brilhante arte cortesã e decorativa da antiga Pérsia conquistada no século VI pelo Imperador Justiniano”. (D’Aquino 1980, p. 14).

A arte bizantina desprezou a escultura por considerá-la ligada a idolatria dos pagãos.

Além de ser a manifestação plástica do Império Romano do Oriente, continuando em todos os países onde o cristianismo grego (ortodoxo) tenha vingado, a arte bizantina, em seu interior é a primeira exaltação da fé cristã e do poder absoluto do imperador cujo mandato sobre os homens presumia-se de forma direta por Cristo. Assim senso, a arte bizantina é ao mesmo tempo hierática (religiosa), áulica (a serviço da corte imperial) e irreal, sua realidade sobrenatural é das coisas divinas e não a dos fatos ou desejos puramente humanos.

Seus personagens estáticos aparecem sem vida, situados em mosaicos num mundo bidimensional, “onde o tamanho das figuras depende de sua importância social ou divina e não da distância em que se acham do olhar do espectador. As figuras de Jesus, da Virgem ou a do Basileu serão sempre maiores do que as dos demais personagens”. (D’Aquino 1980, p.15).

Por ser muito cara a execução dos mosaicos, quando o império empobreceu, eles foram substituídos por afrescos, de técnica econômica inferior e estilo idêntico ao dos mosaicos.

1.6 A ARTE DOS POVOS NÔMADES E O RENASCIMENTO CAROLÍNGIO, DO SÉC. V AO X

Após a invasão dos bárbaros provenientes do norte da Europa, a decadência da civilização romana ocorreu, a cultura latina refugiada nos poucos conventos da época também foi atingida, os invasores tinham suas arte e estilos próprios, feitos “de curvas e contracurvas entrelaçadas em perpétuo movimento, com uma figuração de fantásticos animais estereotipados.” (D’Aquino 1980, p.16). Essa manifestação plástica tornou-se comum a todas as tribos nômades, que por causa do seu modo de vida decoravam objetos portáteis, punhos, bainhas de espadas, jóias, escudos, etc. Mais tarde, essas formas foram fundidas às criadas pelo cristianismo no Ocidente, ajudando-o a dar um estilo de excitada exaltação espiritual, o que aparece nas iluminuras francesa e irlandesas que serão os embriões das miniaturas da pintura e da decoração medieval das catedrais.

Segundo D’ Aquino (1980 p.17):

A confusão reinante na civilização ocidental teve no imperador Carlos Magno, por volta do ano 800, seu primeiro ordenador, no sentido de criar um retorno à quase esquecida da cultura latina, a que se deu o nome de Renascimento Carolíngio. Esse renascer **estilístico** aconteceu principalmente nas iluminuras que, além da influência do estilo nômade, aliaram a cor via à composição simétrica e sem profundidade das miniaturas bizantinas.

A segunda etapa da arte medieval começa com Carlos Magno, no séc. X.

1.7 ARTE ROMÂNTICA DO SÉC. IX A X

Novo estilo surgido de forma particular no norte francês, a Arte Romântica é resultado de dois fatores: o econômico e o espiritual, onde a dinastia dos capetos melhora de forma progressiva a organização feudal, dando ricas a abadias, principalmente às rurais, oportunizando a construção de grandes templos.

Era preciso que naquele tempo de devoção intensa o Ocidente encontrasse uma forma plástica para expressão das novas idéias místicas, ganhando notável unidade estilística após a fundação da abadia beneditina de Cluny na França, o estilo romântico, onde mestres de obras e escultores são mandados ao resto da Europa.

Segundo D' Aquino (1980 p.18):

A escultura e os baixos-relevos românticos estão sempre subordinados ao lugar que lhes é reservado nos templos. São obras agarradas às paredes dos templos. Os baixos-relevos situam-se nos tímpanos (superfície em meio-círculo sobre as portas principais das igrejas) e as estátuas acham-se encostadas às paredes da entrada. Os temas têm a função de narrar à grande massa analfabeta a história cristã. Por isso, diz-se que a igreja era a Bíblia do Povo.

A partir dos primeiros anos do séc. X os personagens escultóricos surgem agarrados sem seus rostos sugerirem nenhuma emoção, as cenas dos tímpanos representando o Juízo Final (onde horríveis diabos atormentam os pecadores), já inicia a demonstração da habilidade dos artistas, que ainda que inspirados na estática arte bizantina, buscam dar movimentação aos membros de suas esculturas (Catedral de Vezelay).

O conjunto arquitetônico, feito com esculturas de baixos-relevos, dá a impressão de formas pesadas que tentam sem resultado se elevarem ao céu. Mesmo com imperfeições na escultura do corpo humano, pois o que lhes interessava era a alma e não o corpo, como crentes, é a arte romântica que inicia o estilo gótico.

1.8 ARTE GÓTICA, SÉC. XI AO XIII

A Arte gótica, na Europa Ocidental, substituiu de forma gradual a arte romântica de onde originou-se.”

Segundo D' Aquino (1980 p.19):

Nasceu na região de Paris e suas grandes catedrais dos séculos XII e XIII são sua maior expressão artística. Desde o início, há um grande impulso na escultura e nos baixos-relevos, sem falar nos maravilhosos vitrais, que um novo sistema estrutural permitiu criar ao abrir grandes janelas nas igrejas. Toda essa decoração ainda continua sendo a Bíblia do Povo, mas nelas há uma nova vitalidade humana, gerada pelo poder econômico das grandes cidades que sugerem, com seus ricos arcebispados e o enorme desenvolvimento da classe burguesa.

É a burguesia que através das enormes quantias dos seus sindicatos (as guildas), fornecem subsídios para embelezar suas metrópoles, com gigantescas catedrais, como a de Chartres, que todas sendo dedicadas a Nossa senhora, cujo culto era que superior ao de Cristo.

O traço mais característico da escultura gótica é o reaparecimento da estátua em pleno-relevo, o naturalismo dos personagens, a renúncia a estilização das figuras e aos esquemas rígidos de composição de baixos-relevos. Sempre há o planejamento do vestuário, de curvas retas e quebradas ritmicamente opondo-se a leveza do corpo humano, o nu, com exceções bem raras, foi excluído da arte religiosa. Na Alemanha nota-se figuras com rosto tenso, na França e Itália (Luca Pisano, 1220-1284) há a influência de togas e mantos da Roma antiga.

O séc.XIII, é o período da escultura gótica clássica (equilibrada e composta), as estátuas e os baixos-relevos conseguem mostrar paralelamente, a piedade cristã e o homem que a possui no íntimo.

Inúmeras obras-primas surgem por toda a Europa como:

Segundo D' Aquino (1980, p.20):

O Belo Deus, da catedral de Amiens; as estátuas do Casal de Fundadores, do coro da catedral de Naumburgo; a Virgem Dourada da catedral de Amiens, Grupo de Visitação da catedral de Reims, este com movimentos e vestes que lembram os das estátuas greco-romanas.

Os retábulos surgem também, são quadros de fundo nos altares, pintados ou esculpidos em madeira, marfim ou prata, de forma particular na Alemanha e na Espanha.

1.9 A ARTE DO FINAL DA IDADE MÉDIA (SÉC. XIII E XIV)

A partir do Séc. XIV na Itália, há o início do ideal humanista do Renascimento. A França e a Alemanha após à época das grandes catedrais, passam ao interesse sobre uma arte menos religiosa, servindo as grandes municipalidades, das cortes e da alta burguesia.

Por possuir um caráter inquieto, estas formas receberam o nome de flamejante (de flama, chama). “Nas igrejas, surgem os túmulos nobres, com figuras dramáticas e às vezes angustiadas, em alguns deles, chega-se a fazer estátuas de defunto sendo devorando pelos vermes; ou a representá-lo como se fosse um macabro esqueleto.” (D'Aquino 1980, p. 22). São os sinais de um tempo conturbado pela Guerra dos Cem Anos e pela Peste Negra, no fim da Idade Média.

Nos grandes palácios, porém, nasce uma arte luxuosa, proveniente das iluminuras, as Ricas Horas do Duque Berry, chamada estilo gótico cortesão,

qualificada como internacional por ter se espalhado pela Itália, França, Espanha e Europa do Norte. “Nos quadros, surgem personagens com roupas luxuosas, gestos elegantes, silhuetas afinadas, movimentando-se lentamente em fundos de ouro” (D’Aquino 1980, p. 22). Estes são representantes desse estilo cortesão, na Itália (Gentile da Fabriano: 1370-1427) e Pisanello: 1395-1455); na Alemanha, Martin Sachongauer (1491) e Stephan Lochner (falecido em 1451); na França, o genial pintor anônimo da Pietá de Avinhão.

1.10 O PRÉ-RENASCIMENTO NA ITÁLIA NO SÉC. XIII

A Itália passa a ter a primazia econômica e social da Europa Ocidental, nas cidades estados floresce uma rica burguesia de banqueiros, como os Medicis, em Florença; os Gonzaga, em Pádua; os Sforza, em Milão, é nessas pequenas e luxuosas cortes que nasce o desejo de se renascer a antiguidade greco-romana, os ideais platônicos do belo ideal. O sô da Itália era de grande fertilidade das ruínas desse mundo antigo.

Esse ideal humanístico se confirma nesse pré-renascimento, quando surge na Toscana, São Francisco de Assis, pregando a humildade, a caridade, dando a idéia de como deus amam o homem comum.

Segundo D’ Aquino (1980 p.23):

Nas artes plásticas o pensamento de São Francisco se impregnou em artistas como Cimabue (c.1240-c.1302) que, ainda ligado ao estilo bizantino, mostrou interesse pelo realismo pintando o retrato do santo, seu contemporâneo na igreja inferior da Basílica de São Francisco de Assis em Assis.

Os dois primeiros centros a impulsionarem o pré-renascimento italiano foram Siena e particularmente Florença, ambas em Toscana, em Florença o primeiro

pintor considerado o precursor do pré-renascimento foi Giotto di Bondone (1266-1337), além de atuar em sua terra natal pintou afrescos em Pisa, Assis e Roma.

Mesmo conservando certa rigidez gótica ou modelos bizantinos ao pintar Madonas com o Menino seus afrescos da capela de arena, em Pádua, e nos da igreja superior da Basílica de São Francisco de Assis, dão aos seus personagens religiosos características de homem comum. Nas figuras, Giotto consegue fazer com que se entreolhem como se estivesse dialogando; “usa um forte claro-escuro (sombras e luzes) que dá grande relevo aos personagens. Com Giotto, a pintura sai do bidimensionalismo bizantino; e os céus dourados (símbolos do luxo cortesão ou do Céu espiritual) são substituídos pelos céus azuis, a cor natural do céu em dia de sol”. (D’Aquino 1980, p. 23).

1.11 O RENASCIMENTO NA ITÁLIA NO SÉCULO XIV

Com Giotto, no séc. XIV e na metade do séc. seguinte, dá-se um prodigioso desenvolvimento da escultura e da pintura na Itália, servindo de modelo para outros países europeus.

Os objetivos básicos dos anos mil e quatrocentos era fazer renascer o equilíbrio clássico entre o mundo real e o espiritual, voltando ao antropomorfismo, revivendo temas da mitologia grega e particularmente expressando-se através de valores táteis (tato), permitindo “na pintura, dar a idéia de que o observador está vendo o mundo natural embora embelecido, que tem à sua volta”. (D’Aquino, 1980, p. 25).

Segundo D’ Aquino, (1980 p.25), esses valores táteis são:

1) a ilusão da profundidade, que dá o exato tamanho de uma coisa ou de um ser, tornando-os menor ou maior através de

uma rigorosa e científica perspectiva linear, em oposição à perspectiva hierárquica (Egito Bizâncio);
 2) o aumento dessa ilusão de profundidade através da perspectiva aérea, dando a impressão de que os objetos quanto mais se afastam de nós mais sua cor se torna acinzentada e mais diluído o seu desenho;
 3) a ilusão da textura dos objetos, que o mármore é duro e o veludo é macio, por exemplo;
 4) a ilusão do volume através do claro-escuro, ou seja, do efeito de sombras e luzes;
 5) a ilusão do movimento, a través de pequenos desequilíbrios na composição da obra;
 6) o perfeito conhecimento da anatomia humana, através de desenho realista e tomado ao natural do corpo humano.

O homem, novamente, deverá servir de medida ideal para todas as coisas, e, finalmente, cabe ao artista ainda, elevar-se de sua condição de artesão anônimo e apossar-se de maior conhecimento de outras artes e ciência como a Música, a Poesia, a Filosofia, a Mitologia, a História da Arte, a Geometria.

Seria o que se chamou de um ensino global, acadêmico.

As duas principais cidades Repúblicas do Renascimento no Séc. XIV, foram Florença e Veneza.

A técnica a óleo, inventada pelos irmãos Eyck e mostrada com sua perspectiva e, escorço (perspectiva de uma figura humana deitada) Mantegna (1431-1506, em Pádua, com novos realismos aos seus retratos psicológicos, na obra “Cristo Morto” do Museu de Brera em Milão. Da mesma forma também a pintura de Antonello da Messina (c.1430-1479). Jacopo Bellini (c.1400-1470) pai de Gentilli e Giovanni Gentilli Bellini e Carpaccio (falecido em 1523) lançam as bases da escola de Veneza, ao utilizar amplas vistas da Praça de São Marcos, acentuando o luxo da rica cidade e inaugurando um tipo colorido, forte e brilhante.

1.12 O ALTO RENASCIMENTO ITALIANO NO SÉC.XVI

A Europa no séc. XVI, social artística e economicamente via-se dominada pela Itália. Após o Renascimento do séc. anterior, o “quattrocento”, inicia um período de conquistas, surge a arte da Contra-Reforma (contra a Reforma de Lutero), que partindo do segundo Renascimento, o chamado Alto Renascimento, criará estilos como o maneirismo e o barroco.

Roma dominará também Florença através do mecenato de papas humanistas como Sisto V, Julio II, Leão X e Clemente VII.

Segundo D’Aquino (1980, p. 28):

Três grandes nomes dominam o período final do Renascimento italiano: Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo e Rafael. Leonardo da Vinci (1452-1519) é o gênio que encarna o próprio espírito do Renascimento, com seu desejo de tudo investigar e disso tirar conclusões lógicas e práticas... foi engenheiro, urbanista, inventor de máquinas de toda espécie.

Da Vinci, visando melhor estudar a estrutura do corpo humano, mesmo enfrentando o perigo da inquisição, dissecava cadáveres e depois desenhava seus órgãos internos. Também foi músico, poeta e escultor. Mesmo na pintura foi um “infatigável” pesquisador de técnicas. Sua Mona Lisa (Louvre, Paris) ele inventa a técnica do sfumato (perspectiva aérea que esfuma o desenho) de figuras localizadas longe do espectador). “No fim da vida escreveu o Tratado da Pintura, e emitiu a frase definidora do seu pensamento e do próprio Renascimento. Arte é coisa mental” (em arte o pensamento e a criação importam mais que a habilidade manual).

Miguel Ângelo (1475-1564), foi um gênio precoce, porém atormentado, criado na academia da corte de Medicis, em Florença, ele passou sua longevidade por varias etapas artísticas; desde a serenidade clássica do quatrocento à “inquietação barroca do séc. XVI, do qual foi precursor” (D’Aquino 1980, p.28).

Segundo D’Aquino (1980, p.28):

Pintor, escultor e arquiteto foi o artista que mais gerou influências após sua morte. Jovem, fez para Medicis o David (Academia de Belas-Artes, Florença), que impressionava pelas

perfeitas proporções anatômicas e pelo vigor de sua força interior, expressa na musculatura.

Esculpiu aos 24 anos, a obra-prima que o consagrou: Pietá da Basílica de São Pedro, em Roma, onde a jovem e a bela Mãe contempla o Filho morto estendido em seu colo. Na maturidade suas esculturas se tornaram menos belas e cheias de vida e mais torturadas. Suas últimas obras como: as Pietás e os Escravos, se tornaram contorcidas e dramáticas a ponto de se tornarem massas humanas irreconhecíveis.

Rafael Sanzio (1483-1520) tem estilo diverso de Miguel Ângelo e bem conforme o ideal de beleza irreal e quase geometrizado do séc. anterior..

“Rafael é o mestre da doçura, da paz, da tranqüilidade espirituais, das formas amplas e bem estruturadas através de um desenho sutil” (D’Aquino 1980, p.30).

1.13 A PINTURA VENEZIANA DO SÉCULO XIV AO XVII

A pintura da república-estado mais rica da Itália, Veneza, possuiu sempre uma arte característica, mesmo tendo sofrido influência e do Renascimento italiano em particular.

No início do séc.XIV, após Carpaccio e Jacopo Bellini, surge a grande pintura de Giovanni Bellini (1431-1516). “Ela é o começo de uma arte de valores táteis e humanísticos em Veneza, aos quais acrescenta a exaltação das cores.” (D’Aquino 1980, p.31). Giorgione (1478-1510) inova através da iluminação sobrenatural de seus quadros, como A Tempestade (Academia de Veneza). Seus trabalhos foram divididos pelo colega Ticiano (c.1485-1576), em duas fases, “a primeira equilibrada e ligada aos temas mitológicos do Renascimento.

Na segunda fase, a de sua velhice, Ticiano agita suas composições procurando dramáticos contrastes de claro-escuro, revelando uma agitação íntima e um dinamismo nas formas que prenunciam o estilo barroco. Tintoretto (1518-1594), aluno de Ticiano conduz essa exasperação ainda mais longe.

1.14 A ARTE DO SÉC. XVI FORA DA ITÁLIA, ARTE FLAMENGA

Além dos Estados da península itálica, França, Espanha e Alemanha têm um grande desenvolvimento artístico, fruto da riqueza dos burgueses e dos nobres mecenas. O escultor Claus Stuler (ativo desde 1380 e falecido em 1406) se destaca na França borgonhesa, por sua forte expressão naturalista e emocional, principalmente na obra O Poço de Moisés (Dijon), podendo ser classificado como Miguel Ângelo gótico. Na Francônia (Alemanha), outro escultor empregado do “dramático goticismo do final da Idade Média é Tilmann Riemesschneider (1460-1531), autor do famoso retábulo policromado da catedral de Augsburg”. (D’Aquino 1980, p.32).

O que domina na pintura é a miniatura influenciada pelas iluminuras como As Ricas Horas (horas de rezar), de Pol Limbourg (ativo desde o séc. XIV). Nessas iluminuras reinam as cores vibrantes, os costumes cortesãos e elegantes, de hábito nos grandes palácios. A Arte gótica cortesã.

Sob tais influencias surgirão pinturas do alemão Stephan Lochner (falecido em 1451), as do suíço Conrad Witz (1405-1466) e em particular a dramática obra feita por um pintor anônimo do sul da França: a Pietà de Avinhão (Louvre, Paris).

Segundo D' Aquino (1980, p.33):

Esta técnica dá as tintas e ao pincel a capacidade de tornar as cores mais brilhantes e as conservar melhor do que na pintura a têmpera (sem resinas) ou em afresco. Até hoje, essa invenção dos Van Eyck forma a maior parte da pintura do nosso tempo. A pintura a óleo em pouco se espalhou por toda a Europa, inclusive na Itália. Jan Van Eyck pinta com incrível realismo. E, seu famoso político (retábulo com vários compartimentos capazes de se fecharem uns sobre os outros), A Admiração ao Cordeiro Místico (catedral de São Bavon, Bélgica), toda uma sociedade civil e religiosa é representada em seus menores detalhes.

Neste trabalho de Van Eyck os botânicos puderam observar 32 diferentes espécies de flores e vegetais, além do que, sua pintura está impregnada de caráter religioso, como se pode ver no retrato dos noivos Arnolfini (National Gallery, Londres), que, apesar da minúcia realística, apresenta símbolos, como: vela, candelabro que representa o Espírito santo; a maçã na janela, símbolo do pecado original; o cãozinho aos pés dos noivos, significando a fidelidade conjugal.

O grande pintor do Renascimento alemão foi Dürer (1471-1528), embora mantendo certa severidade e o estilo de planejamento anguloso da arte gótica, encontra-se consciente do humanismo italiano. Dürer escreveu um tratado sobre as proporções humanas, mostrando perfeita assimilação do Renascimento, foi o artista que mais conseguiu combinar o espírito religioso e gótico de seu país“ com o humanismo individualista e quase pagão do Alto Renascimento”. (D'Aquino 1980, p. 35).

1.15 O MANEIRISMO E O INÍCIO DA ARTE BARROCA NO SÉC. XVI

Na segunda metade do séc. XVI na Itália não aparecem nomes tão ilustres quanto o período anterior. É o período da contra-reforma, da reforma de Lutero, irá gerar tipos de maneirismo inclusive o estilo barroco. A arte precisa deixar os temas

mitológicos e pagãos sob a determinação do Concílio de Trento (1545-1563). "A igreja Católica, para se elevar no conceito dos fiéis, desejava ornamentar luxuosamente seus grandes templos, a fim de mostrar uma Igreja Triunfante sobre o protestantismo." (D' Aquino 1980, p. 36).

O chamado maneirismo surgiu na Europa entre o Alto Renascimento e a arte barroca, com dois significados. o primeiro foi fruto da administração ilimitada pelos gênios do Renascimento sobre a geração mais nova de artistas que procuravam pintar à maneira de Miguel Ângelo (Giorgi Vasari) ou de Rafael (Primaticcio).

Segundo D' Aquino (1980, p.36):

Os irmãos Carracci_Ludovico (1555-1619), Agostino (1557-1602) e Annibale (1560-1609), tentaram, em sua Academia de Bolonha, fazer uma espécie de **ecletismo**, fundindo certas características desses pintores. Por Exemplo, colocar na mesma obra o desenho de Rafael, o claro-escuro de Da Vinci e a cor de Ticiano. É o início da Academia de Belas Artes.

1.16 O BARROCO DOS SÉCULOS XVII E XVIII E O ROCOCÓ

Após o barroco contido do séc. XVI, uma nova revolução ocorre neste estilo, buscando formas mais exuberantes, de maior agitação, contrastes violentos de claros-escuros, um verdadeiro horror ao vazio fazendo-se preencher todos os espaços da obra.

Segundo D' Aquino (1980, p.38):

Em geral, procuram compor o esquema de linhas em diagonais, em oposição ao equilíbrio perpendicular do Classicismo. A arte barroca, nascida na Itália, em breve se espalha por toda a Europa e até pelas Américas, inclusive no Brasil. Na pintura, procura-se ainda, uma composição em turbilhão, que na decoração dos tetos das igrejas parece abrir o olhar pra o infinito do céu.

O Gênio italiano da escultura barroca, na Itália, é L. Bernini (1598-1680), autor de várias obras na Basílica de São Pedro em Roma, incluindo o Baldaquino e inúmeras fontes nessa cidade.

Segundo D'Aquino (1980, p.40):

Quanto a pintura italiana barroca seu gênio mais importante é Caravaggio (1573-1610), que acrescenta ao estilo ênfase num claro-escuro mais forte; e particularmente um realismo, colocando o homem do povo mesmo em seus te,as religiosos, como na Conversão de são Paulo (Santa Maria del Popolo, Roma). O claro-escuro e o realismo de Caravaggio logo farão escola, dando frutos geniais na Espanha, com Ribera (1591-1652); Zurbarán (1598-1664) de espírito monacal e mais místico e particularmente Velásquez (1599-1660), também é iniciador de um realismo ainda mais naturalista e de uma técnica solta, capaz de em poucas pinceladas dar a idéia fiel das diversas texturas de uma roupagem ou da fisionomia de uma pessoa, seja feia ou bonita, nobre ou gente do povo, como é o caso do quadro Lãs Meninas (Museu do Prado, Madrid).

Na influência do claro-escuro e do realismo popularesco, também a França aderiu, pois o popularesco de Caravaggio deu origem a pintores de gênio: George de la Tour (c.1594-1652) e os irmãos Le Nain (1593-1648). La Tour simplifica geometricamente as figuras, usa tons claro-escuro de iluminação misticista para suas cenas religiosas.

1.16.1 Barroco no Brasil

“A nossa primeira grande arte, importada pelos frades franciscanos e beneditinos e alimentada pela riqueza aurífera e canavieira respectivamente de Minas Gerais e do Nordeste e transformada pelos valores artísticos locais, foi a do barroco brasileiro” (D'Aquino 1980, p. 41).

Na região aurífera de Minas Gerais, do séc., XVIII, Antônio Francisco Lisboa, O Aleijadinho (1730-1814), tendo obras arquitetônicas e escultóricas, monumentais, em retábulos e estatuetas, vê suas obras espalhadas por Ouro Preto, Sabará e Congonhas.

“Os seus Profetas de Congonhas” têm graciosidade e senso de distribuição no conjunto, levando-o a ser um dos maiores escultores barrocos do séc. XVIII. Possuidor de diversas técnicas e estilos, ele consegue descrever o trágico-grotesco nas Capelas dos Passos, em Congonhas; “o mais brilhante barroco no altar-mor da Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto”; (D’Aquino 1980, p. 43); Aleijadinho realizou verdadeira obra clássica no Medalhão da Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto, apesar de toda dificuldade que sofria com as mãos feridas pela doença que o acometia. Além dele nosso barroco colonial distinguiu também os escultores Mestre Rosa (ativo no final do séc.XVIII) e Frei Domingos da Conceição (1643-1718), entalhador do Mosteiro de São Bento, no Rio.

Na pintura barroca mineira, Manuel da Costa Ataíde (1762-1837), com o belo teto da Igreja de São Francisco foi o mais eminente. A pintura de Frei Ricardo do Pilar (falecido em 1700) é a mais notável no Rio de Janeiro entre outros. José Joaquim Rocha (1777-1847), tem em Salvador, seu barroquismo na pintura de teto da Igreja Conceição de Praia, destacando ainda escultores como: Manuel Inácio da Costa entre 1822 e 1833, com imagens e entalhes na igreja da Ordem terceira e Joaquim Veloso (1780-1833), retratista e entalhador na Ordem Terceira.

1.16.2 O Aleijadinho

“A lâmina do formão pousa a prumo sobre um dos dedos da mão deformada.” (Papi 1983, p.11).

Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, o “maior artista da arte barroca do período colonial, que inova o espaço arquitetônico, impondo formas curvilíneas às naves das igrejas, até então retangulares, com grandes flores esculpidas sobre as

portas,” (Papi 1983, p. 7). Assim, ele dita a nova moda da época, deixando acervos “imortais”.

Um misto de lenda entre anjo e bruxo, coloca Aleijadinho orgulhosamente em nossa história da arte.

Papi (1983, p.11), conta que Aleijadinho, tendo as mãos machucadas, “O formão recebe o golpe, o dedo decepado cai no chão.” (Papi 1983, p. 7), enquanto esculpe num canteiro de obras que se passa num adro de uma igreja, na Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar hoje Ouro Preto do fim do séc. XVIII.

“... a maioria dos pesquisadores e biógrafos inclina-se hoje a descartar hipóteses como a da mutilação total ou da insensibilidade tátil, por incompatíveis com a delicadeza das esculturas, talhas e ornatos executados, mormente os de sua última fase.” (PAPI, 1983, p. 14)..

Diz a história narrada por PAPI (1983, p.14):

Quanto ao mau em si, que lhe teria levado também os dedos dos pés, obrigando-o a andar de joelhos, além de ter-lhe dado feições repelentes, o zumzum faz desfilar mazelas que vão da zamparina (surto gripal que irrompeu no Rio de Janeiro em 1780, caracterizado por alteração do sistema nervoso e locomotor) ao humor gálico-escorbútico (falta de vitamina C), da porfíria à poliomielite, da lues (sífilis) à lepra nervosa, senso esta a mais votada. No entanto, à falta de elementos que ensejem um diagnóstico conclusivo, o que de mais plausível já se aventou não muito além de prosaico achaque infeccioso ou reumático.

Um esforço extra-humano que venceu a dor e a deformação. Comparado ao ouro brasileiro do Brasil Colonial (1694-1750), depois do ciclo do pau-brasil (1500-53), e o da cana-de-açúcar (1554-1694), a criação do gado e a caça ao índio, Aleijadinho é uma realidade artística sobrevivente a uma ilusória “grandeza material”. (Papi, 1983, p.17).

Como vimos anteriormente, na segunda metade do séc.XVIII, coincidindo com a ascensão do Neoclassicismo surge o barroco para opor-se ao estilo clássico,

considerada por muitos críticos europeus de exagero a mau gosto a arte barroca brasileira foi considerada:” Estilo próprio das produções artísticas e literárias do Brasil no séc.XVII ,XVIII e princípios do séc.XIX, e cuja expressão principal é a arquitetura e escultura sacra, de que foi intérprete principal...Aleijadinho.” (Papi, 1983, p. 21/22).

O Barroco estava a serviço da fé da IGREJA Católica.

1.17 O SÉC.XIX NEOCLASSICISMO

No final do séc.XVIII, se iniciam as idéias democráticas contra o absolutismo do Antigo Regime dos Louíses, duas correntes surgem na arte francesa e depois irão dominar o mundo: o neoclassicismo e o romantismo.

Ambas procurariam uma evasão para o passado clássico ou medieval ,certos gostos pelas descobertas arqueológicas em Pompéia(1748), que mostram a civilização greco-romana quase intacta,e, também os ideais da Revolução Francesa.

Com os primeiros sinais de decadência dos Bourbons na França e sua arte rococó erótica, os jovens pintores buscam seus modelos nos idéias puros e cívicos da antiga República romana e nas idéias do arqueólogo alemão: Winckelmann, e o mais ilustre desses pintores é David (1748-1825), ele domina o estilo neoclássico com suas idéias fortes e seus quadros a serviço da glória de Napoleão, pinta temas antigos, como Sócrates bebendo Cicuta (Louvre), entre outros, os quadros seguintes a estes, trariam o belo ideal neoclássico, rígidos, frios, solenes, parados quase sem claro-escuro, dando o aspecto de um hábil teatro estático.

“Em meados do séc. XIX, David tem seu maior aluno em Ingres (1780-1867), genial desenhista, retratista e pintor de belos nus.” (D’Aquino 1980, p.44), embora siga os exemplos de David e Rafael, Ingres, coloca em suas odaliscas linhas sensuais e românticas. Canova foi o grande escultor do neoclassicismo (1757-1822). David domina a escola de Belas-Artes de Paris se espalha pelo mundo.

1.17.1 Neoclassicismo no Brasil

Foi em 1816 que o neoclassicismo chegou ao Brasil através da Missão Francesa chefiada por Lebreton (1760-1819), mandada por D. João VI, “a fim de fundar no Rio de Janeiro uma Academia de Arquitetura, Pintura, Escultura, Artes e Ofícios, nos moldes da francesa.” (D’Aquino 1980, p. 45).

Nicolau Antônio Taunay (1755-1830), pintor de paisagens cariocas lindas, Felix Taunay (1795-1881), são alguns dos pintores notáveis da Missão francesa; mas foi João Batista Debret (1768-1848), aluno de David autor de vários quadros sobre o monarca português e sua corte no Brasil, além de um álbum de gravuras, o mais ilustre desses artistas.

“A segunda geração acadêmica no Brasil começou a partir de 1850, quando o ensino acadêmico já se achava perfeitamente integrado em nossos artistas, que, estimulados pessoalmente por Pedro II, iam terminar sua formação nos centros acadêmicos da França ou da Itália.” (D’Aquino 1980, p.45).

Do segundo Império os dois mais importantes pintores foram: Vitor Meirelles (1832-1903) e Pedro Américo (1843-1905).

Vitor Meireles pintou em estilo grandioso, em enormes telas: a Batalha dos Guararapes (Museu Nacional de Belas-Artes); Pedro Américo autor de quadros como: A Batalha do Avaí (Museu Nacional de Belas Artes) e O Grito do Ipiranga (Museu Paulista), misturando de forma eclética um desenho hábil, a serviço do heroísmo e do romantismo, mas sem desligar do academismo. Outros pintores acadêmicos se distinguem também como: Zeferino da Costa (1840-1915), autor de painéis de Igreja da candelária, no Rio, e José Maria Medeiros (1849-1926) que recebe influência do indianismo romântico de José de Alencar, em telas como Iracema (Museu Nacional de Belas-Artes).

Na escultura acadêmica da segunda metade do séc.XIX no Brasil se distingue Rodolfo Bernardelli (1852-1931), obras A faceira (Museu Nacional de Belas-Artes) entre outras.

1.18 O ROMANTISMO

Opondo-se à frieza estilística do Neoclassicismo, apelo à Grécia antiga e aos sentimentos provindos da razão e da lógica, surge o Romantismo, com apelo aos ditames do coração e do individualismo. "Em lugar da rígida composição neoclássica, o artista romântico irá procurar a forma agitada, a pincelada separada, o apelo ao chamado estado da alma do artista_ e que se modifica conforme seus sentimentos do momento." (D'Aquino 1980, p. 47).

Na Espanha aparece o percurso desse movimento, Goya (1746-1828), artista apaixonado e impulsivo, que busca a realidade das coisas, seu sentimento profundo, como na Maja Desnuda (Museu do Prado). Sua obra maior em emoção

trágica emoção que agradava aos românticos é o 2 de Maio (Museu do Prado), o fuzilamento pelos franceses de heróis populares e espanhóis.

Na França a figura máxima do Romantismo é Delacroix (1798-1863), seus quadros arrebatam pelo movimento de suas composições, o desencadear das paixões fortes ao inspirar tragédias de Shakespeare como na Ofélia (de Hamlet); nos cavaleiros medievais; ou nas tragédias de guerra da libertação grega.

O Romantismo aconteceu também na paisagem, mostrando a natureza como um substituto do sentimento humano: “triste, agitado; ou em estado de lirismo. Os mais notáveis desse tipo de paisagem são os chamados pintores da Escola de Barbizon: Theodore Rousseau (1812-1867) e particularmente o lírico e excelente observador dos efeitos de luz: Corot (1796-1875).” D’ Aquino 1980, p. 48).

Um dos maiores representantes do Romantismo na escultura, foi Rude (1784-1855), executor do relevo “A Marselhesa”, no Arco do Triunfo de Paris, entre outros.

No final do séc. surge, combinando Romantismo e Clássico, o possante estilo individual de Rodin (1840-1917), como no clássico O Beijo (Museu Rodin, Paris), ou no drama dos Burgueses de Calais (Calais).

1.19 O REALISMO

Este é o último movimento pictórico, antes do Impressionismo, ou seja, da criação da Arte Moderna, ele foi o Realismo do Séc.XIX, tendo em Courbet (1819-1877) o precursor Géricault (1791-1824) com sua máxima expressão. “É um tipo de realismo que põe o homem do povo, o próprio operário, como o centro de sua criação artística, em obras como Os Quebradores de Pedra (destruída no Museu de

Dresde, em 1945) ou As senhoritas do sena (Museu do Louvre).” (D’ Aquino 1980, p. 49).

De particular revolucionismo, a técnica de Courbet não tinha nada, a não ser o fato de incluir pessoas do povo em suas obras.

No paisagismo realista são nomes conhecidos os pintores: Millet (1814-1875), em seus quadros de camponeses, cheios de lirismo, como: O Ângelus (Museu do Louvre), e Daumier (1808-1879), que formam a chamada Escola de Barbizon, pois esta cidadezinha era próxima de Paris e ali eles trabalhavam.

“No Brasil, um de nossos mais representativos realistas foi Almeida Júnior (1850-1899) com seus quadros sobre temas caipiras, do interior paulista, como O Violeiro (Museus Paulistas e Picando Fumo (Museu Paulista).” (D’ Aquino 1980, p. 49). As naturezas-mortas também se incluem nesse estilo com Pedro Alexandrino (1864-1942).

1.20 O IMPRESSIONISMO E O NEO-IMPRESSIONISMO

Enquanto o Realismo ainda estava em moda, em meados do séc. XIX, nasce o Impressionismo, que é considerado o primeiro movimento da arte moderna por romper com a cor e cujo nome foi dado em 1874, após uma exposição parisiense do grupo que o formou.

“O Impressionismo é uma espécie de último arranjo de Realismo que deseja então ser instantâneo, retratar o momento presente, o fugidio de uma paisagem iluminada pelo Sol, mas que logo após será escurecida pelas sombras da noite.” (D’ Aquino 1980, p. 50).

O Impressionismo é a impressão que o artista tem num determinado momento e de acordo com a sua emoção individual sentida, ele nunca propôs regras estabelecidas a não ser que a pintura fosse realizada ao ar livre o contrario do Realismo onde os pintores acabavam suas telas nos estúdios longe das luzes naturais, como as telas que Corot fazia, esboçando-as ao ar livre, mas terminando-as em seu ateliê, estúdios com pouca iluminação.

Os pintores dessa técnica procuram ser rápidos para captarem os detalhes de cada paisagem no momento que captura aquele detalhe, para pintar os fenômenos da natureza (O Sol reverberando na água, a luz que ilumina os galhos de uma árvore), seus pintores procuram rapidez, o que os faz dar pinceladas separadas.

Segundo D'Aquino (1980, p. 50):

Daí vem as pinceladas separadas que usam, dando, de perto, a idéia de borrões. Só de longe é que o espectador entende inteiramente o assunto de um quadro impressionista, ao ver as pinceladas se unirem, o que se chamou de mistura ótica. Dessa maneira, intuitivamente, ao levarem seus quadros para o ar livre, os impressionistas verificaram que na natureza há poucos tons escuros-marrons (como pintavam os acadêmicos).

Ver uma obra Impressionista é o mesmo que observar a natureza festejando com alegria e otimismo, como o período chamado "*bélle époque*" vivido entre os anos 1870e 1914.

Os principais pintores do Impressionismo reuniram-se afim de trocar influências juntos, o que fez com que cada vez mais suas paisagens se tornassem luminosas e cheia de vida, contrariando a arte sombria dos acadêmicos e acabando por ganhar seu aval, com as cores vivas que fundaram o primeiro movimento moderno.

Os primeiros grandes impressionistas foram todos franceses: Monet (1840-1926), Renoir (1841-1919), Pissarro (1831-1903), Sisley (1839-1903) e Degas

(1834-1917), excelente desenhista que mais tarde realizou com independência a própria arte, retratando a vida e os bailes parisienses, bem como os circos e cabarés de lá, o que também fez depois Toulouse Loutrec (1864-1901).

Segundo D'Aquino (1980, p. 51):

Como definição, diremos ainda que a atmosfera luminosa que cerca seres e coisas e dissolve suas silhuetas é uma espécie de personagem principal da pintura impressionista. Esse arte intuitiva e sem regras prefixadas continua com um impressionismo oposto: o Neo-Impressionismo(ou Pontilhismo), que tenta dar àquele movimento regras científicas, como as extraídas da teoria ótico-física de Chevreul. Seu maior nome foi o francês Seurat (1859-1891).

No Brasil, quem se fez o maior expoente do Impressionismo e do Pontilhismo foi Visconti (1867-1944), seguido de seus alunos: Cavaleiro (1892-1969) entre outros, todos de forma particular no paisagismo.

1.21 OS PÓS-IMPRESSIONISTAS

Três gênios saídos do Impressionismo prosseguiram pesquisando cada um na própria direção.

Cézanne (1839-1906) tentou dar estrutura severa e composição às cores intuitivas dos impressionistas, “modulando tons e levando a pintura a uma espécie de novo Classicismo, pela lógica que compunha.” (D'Aquino 1980, p. 52);

Gauguin (1848-1903), fascinado pela arte primitiva,, viajava para Polinésia, sua pintura com cores extremamente vivas, arbitrárias, cercada por contornos firmes, tentando dar sentido decorativo e simbolista ao Impressionismo.

Van Gogh (1853-1890): holandês, passou a viver na França, com temperamento violento e apaixonado, busca dar às paisagens, principalmente as pintadas no fim de sua vida, no sul da França, um caráter de “verdadeiros estados de alma.

”Suas cores e formas, são postas nos mais violentos tons para acentuar sua dramaticidade. A essência de sua arte são: ”a paixão, a angústia e a poderosa sensação de tensão íntima”. (D’Aquino 1980, p. 52).

1.22 O SÉC. XX: O FAUVISMO, O EXPRESSIONISMO, O CUBISMO, O FUTURISMO, DADAÍSMO, SURREALISMO, ABSTRACIONISMO, OP-ARTE, POP-ARTE

Para se ter uma noção sobre a pintura e a escultura do séc. XX precisamos observar a extrema agitação, as contradições, as descobertas, no campo da Ciência, da Filosofia, desse período de plena Revolução Industrial. “Tudo isso a arte moderna tentou interpretar e representar, contra ou a favor.” (D’Aquino 1980, p. 53).

Com a evolução dos tempos a arte precisou evoluir junto, trazendo para diferentes visões, artes diferentes.

“O Fauvismo (fauve, em francês, é fera), devido à incrível ferocidade de suas cores, sob a influência de Gauguin e Van Gogh.” (D’Aquino 1980, p. 53).

Seus intérpretes mais poderosos foram: Matisse (1869-1954), Dufy (1877-1953) e Vlaminck (1876-1958).

Segundo D’ Aquino (1980, p. 53):

O fauvismo, impregnado de conteúdo social, angústia íntima e romantismo, originou na Alemanha o expressionismo, cujos mais importantes pintores foram Nolde (1867-1956), Kirchner (1880-1938), Kokoschka (1886-1980) e Schmidt-Routluf (1884-1977). Na Noruega, criou as obras geniais de Munch (1863-

1944). Na França, influenciou Modigliani (1884-1920) também amante de Botticelli, Soutine (1894-1943) e Rounault (1871-1958). No México, foi a semente dos grandes muralistas Rivera (1886-1957), Orozco (1883-1949) e Siqueiros (1896-1977).

A Guernica, de Picasso é uma das máximas obras desse movimento.

No Brasil, o expressionismo influencia grandes pintores como: Anita Malfatti (1896-1964), Segall (1882-1957) e Portinari (1903-1962), este, de maneira principal na fase Os Retirantes (Museu de arte de São Paulo), que mostra o drama das secas nordestinas. Bem como o escultor Stockinger (1919) e o pintor Flávio de Carvalho (1899-1973).

“O movimento que veio contrariar o caráter dramático e romântico do expressionismo foi o cubismo, sob a influência da arte geometrizada de Cézanne e das formas puras da escultura negra. Sua estética é da lógica, seus iniciadores foram Picasso (1881-1973) e Braque (1882-1963).

Em Paris, por volta de 1907. No começo eles simplificaram paisagens, lhes dando formas tridimensionais geometrizadas, originando o nome Cubismo.

“Depois deslocaram os planos fazendo passar uns sobre os outros, como se fossem placas transparentes de tons frios. É o chamado cubismo analítico (1910-1912). No conjunto os quadros parecem abstratos.” (D’Aquino 1980, p. 54).

A terceira fase do Cubismo chamou-se Cubismo sintético (1913-1914), os artistas sintetizam todas as pesquisas anteriores voltando ao figurativismo geometrizado e usando cores vivas. Picasso, Braque, participaram desta fase além de Roberto Delaunay (1885), criou o cubismo orfista, usando cores do arco-íris pintadas de forma circular.

Em 1911, com a influência da máquina e a velocidade que transforma a civilização moderna nasce o Futurismo, “dando planos movimentados ao cubismo e procurando sugerir o dinamismo da vida moderna”. (D’ Aquino 1980, p. 54).

O cataclisma da Primeira Guerra Mundial, em 1917, deu origem na Suíça um movimento de protesto, antiarte, anticultural, o dadaísmo, que criou um clima onírico de sonhos sem, no entanto deixar grandes obras.

Os principais dadaístas-Arp (1888-1972), Picabia (1878-1953) e Max Ernst (1891-1978) serão, portanto os fundadores do surrealismo, que nasceu em 1924, em Paris, quando as teorias de Freud foram difundidas sobre sonhos e a libido.

“No estado onírico, os mais banais e estranhos objetos podem estar logicamente juntos. O surrealismo é, no fundo, a pintura do inconsciente humano.” (D’Aquino 1980, p. 56).

Picasso; de Chirico (1888-1979), percursos com sua pintura metafísica (além da natureza); os belgas Taunay (1900-1955), Delvaux (1897), Magritte (1898), os espanhóis Dalí (1904) e Miró (1893), Chagall (1887), foram os que se incorporaram ao surrealismo, além dos já citados.

No Brasil, Maria Martins (1900-1973) grande escultora surrealista e Cícero Dias (1908) na pintura, junto com Ismael Nery (1901-1934).

Com o término da Segunda guerra Mundial, dominou o movimento abstracionista (não figurativo); “o qual não usa temas e deixa somente às formas, linha e cores a tarefa de expressar emoções.” (D’Aquino 1980, p. 57).

O abstracionismo se subdividiu em dois ramos principais: o informal (sem formas geométricas definidas) e o geométrico, que se subdividiram em outros ramos, como o expressionista, o lirista e o concretista. Kandinsky (1866-1944) fundou, abstracionismo expressionista, já na década de 1920, fazer aquarelas sem qualquer figuração, para exprimir sua dramaticidade. Corpora, (1909), italiano, o suíço Schneideir são alguns nomes deste movimento.

No Brasil o mais significativo pintor expressionista abstrato foi Iberê Camargo (1914).

Ainda a partir dos anos 50, influências do grafismo japonês, surgiram as pinturas do alemão Wols (1913-1951) e do francês Mathieu (1921). Nasceu o abstracionismo alegre, lírico chamado Tachismo (do francês *tacha*). O tachismo no Brasil teve como grandes representantes Antônio Bandeira (1922-1967) e Mabe (1924), também na década de 20 nasce o abstracionismo geométrico e seus ramos, cujo fundador foi o holandês Mondrian (1872-1944) que deu o nome de neoplasticismo, por causa da sua severidade plástica “de suas composições feitas apenas com quadrados e retângulos e as três cores primárias (vermelho, azul, amarelo).” (D’ Aquino 1980, p. 58).

A impressão de tal pintura é de uma frieza cerebral, Van Doesburg (1883-1931) holandês; Sophia Tauber (1889-1943) suíça, foram alguns que seguiram mais ou menos este movimento. Do neoplasticismo surgiu o no final dos anos 1940, o concretismo, com base em composições calculadas matematicamente.

No Brasil o concretismo valorizou Flexor (1907-1971), Volpi (1896) e alguns outros., além dos escultores Weissmann (1914).

Seguindo essa trajetória de pequenos movimentos artísticos surge a Op-arte (arte-ótica), usa visões para “criar a idéia de espaço ou de movimento de cores colocadas em planos, lado a lado.” O alemão Alberts (1888) foi o maior intérprete; Brancusi (1876-1957) foi o típico escultor-geométrico.

“Contrariando toda essa arte voltada para o cerebral, para o quadro pintado em duas dimensões, nasceu nos Estados Unidos, em meados de 1950, a pop-arte (arte refletindo o viver do povo das grandes cidades), que logo se espalhou para o mundo inteiro.” (D’Aquino 1980, p. 59).

A pop-arte tentou representar, através de fotos, colagens, objetos, luzes, figuras de gesso, rigoroso realismo e todos os meios possíveis o caos da atual civilização.

Todas essas manifestações modernas no Brasil originaram dois fatores internacionais de grande importância: a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo; e a Bienal de São Paulo, inaugurada em 1951.

Na Bienal de São Paulo, “os artistas ecológicos (em defesa da ecologia) brasileiros apareceram como Kracberg (1921), com suas esculturas feitas de arranjos vegetais” (D’Aquino 1980, p. 60).

Segundo D’Aquino (1980, p. 60):

A partir de 22, surgiram grandes pintores e escultores no Brasil, sem falar nos já citados, entre os quais o escultor Braheret (1894-1955) e os pintores do nacionalismo lírico, sem escola definida, mas desejosos de fixar os costumes brasileiros, sem criticá-los diretamente. São eles Guignard (1896-1962), com suas irreais e comovidas paisagens das velhas cidades mineiras coloniais, Pancetti (1905-1958), o grande marinhista.

Alguns outros nomes se destacaram também.

Nasce em Paris a pintura ingênua, no final do séc.XIX, fora da influencia de qualquer estilo antigo ou atual com Henri Rousseau, Lê Douanier (1844-1910), autodidata, conservou intactas suas lembranças de infância.

Esse gênero no Brasil teve, Cardosinho (1861-1942), Heitor dos Prazeres (1902-1966), João Antônio da Silva (1900) e muitos outros, testemunhas vivas e espontâneas de um país festivo e de trabalhadores humildes, principalmente nas zonas suburbanas.

Um marco na arte brasileira foi a Semana de Arte Moderna de 1922, que gerou frutos de artistas como Anita Malfati, Portinari e outros.

1.23 SEMANA DE ARTE MODERNA BRASILEIRA

O modernismo no Brasil iniciou com a semana de arte Moderna, no Teatro Municipal de São Paulo, que foi aberta dia 11 de fevereiro de 1922, no ano do Centenário da Independência do Brasil, cem anos após o “Grito do Ipiranga”, surgida da iniciativa de artistas dispostas a testarem a libertação da Arte estrangeira, junto com intelectuais e seus participantes foram:

Arte	Artistas
Pintura	Anita Malfati; Ferrignac, J. F de Almeida Prado; Jhon Graz; Martins Ribeiro; Vicente do Rego Monteiro; Zina Aita.
Música	Guionar Novais; Heitor Villa-Lobos;
Escultura	Victor Brecheret; W. Haarberg.
Arquitetura	Antonio Moya;Geog Przyembel;
Literatura	Menotti Del Picchia; Mario de Andrade, Oswald de Andrade; Manoel Bandeira e Cassiano Ricardo.

2. ALFABETIZAÇÃO ARTÍSTICA (A ARTE DESDE CRIANÇA)

Buscar a beleza é algo inerente ao ser humano, é o prazer estético e, independe de sua classe social, ou meio em que ele vive.

Um arranjo de flores, escolher uma roupa, observar uma pintura,

Segundo D'Aquino (1980, p. 3):

Artes Plásticas antes de tudo é criação ou recriação de sentimentos expressos na natureza, através de imagens (linhas, formas, cores, etc.) bem compostas. Essas imagens eternizam emoções individuais ou coletivas (dor, alegria, angústia, amor, ódio, etc.). Por isso a pintura e a escultura estão entre as mais importantes manifestações do espírito humano. Através delas podemos visualizar e compreender melhor o passado e também a nós mesmo porque somos resultado de nossos antepassados.

No entanto, tudo tem um começo, e a importância desse começo é que falaremos agora.

Dar qualificações as obras de arte, como bom, ruim, etc., é um erro de leitura, que mostra o despreparo que temos para analisar, conhecer o que é arte, para corrigir isto é necessário começarmos a descobrir esta arte desde os primeiros rabiscos de criança.

Segundo as Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LEI 9394-96

LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996 (DOU 23.12.96)

“Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no

trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (grifo nosso).

A educação é responsabilidade de todos, não apenas para cobrar, mas para sugerir mudanças e alternativas que possibilitem que tais mudanças sejam realmente praticadas e não apenas escritas no papel.

Segundo Tavares (2004, p. 17):

Os objetivos do ensino de arte se sustentam sobre três pilares: formação dos sentidos, conhecimento artístico, atividade de apreciação e produção artística. (...) os objetivos do ensino da arte podem ser muitos (...) A proposta de formação dos sentidos, de domínio do conhecimento artístico aliado à atividade de apreciação e produção artística, se constitui no núcleo central do ensino de arte.

A formação dos sentidos se dá através da leitura das formas, sons, do modo como as pessoas se relacionam e se movimentam no espaço e de tudo que acontece ao nosso redor.

Permitindo-nos perceber os objetos de acordo com sua função prática. As linguagens artísticas: danças, Artes-visuais, teatro, música, são um meio indispensável de expressão e interpretação da realidade.

O conhecimento artístico se constitui no estudo de diferentes modos de compor com os elementos formais de cada linguagem, sem perder o contato com a cultura visual, sonora, cênica e dança.

A apreciação artística pressupõe que o aluno deva ter acesso a diversas manifestações artísticas, como forma de familiarizar-se com a arte e compreender que ela nos mostra a realidade dos indivíduos em um determinado contexto.

É considerada produção artística, o fazer, o pintar, o cantar, dançar, representar, confeccionar fantoches, desenhar, modelar...

2.1 EVOLUÇÃO GRÁFICA

A criança aos 2 a 4 anos entra no estágio pré-operacional.

“Na evolução gráfica é a fase das garatujas, que se classificam em 3 categorias principais:

Garatuja desordenada:

Ainda muito próximo da rabiscagem, do treino motor” (Stabile 1988 p.16):

Nessa fase a criança faz rabiscos no papel em diferentes direções, horizontal, vertical e horizontal, seus traços variam muito entre fracos e concentrados, ou fortes e dispersos no papel, ou em um mesmo lugar, até furar o suporte, outras vezes riscam toda a folha misturando tudo que já experimentaram.

Ao treinar aparecem ensaios repetidos de pequenos círculos ou células não intencionais ainda, sem expressão ou significado.

Exploram o movimento circular, variado de um pequeno ponto até um círculo que ocupa toda folha.

Nessa fase as variações de cores nos desenhos das crianças podem surgir, mas dão preferências às que mais aparecem.

Peguem o lápis que está mais perto, ao desenharem ou o que for maior.

Troca várias vezes se tiver mais que um ou fica satisfeita ao desenhar com apenas um giz de cera não tendo outro.

A segunda fase descrita por Stabile (1988, p. 16) é a:

Garatuja controlada:

“A criança controlando um pouco mais seus movimentos, transforma os pequenos círculos em pessoas e animais, dando-lhes cabelos, olhos em membros (em geral braços).

“A atividade pictórica vai ganhando forma, pois para a criança aquilo que desenhou começa a ter sentido”. (Stabilep18).

Nessa fase o desenho já não é mais só uma expressão motora e começa a representar coisas de sua realidade, principalmente figura humana.

A célula desenhada pode ser o rosto ou o corpo todo. Os membros vão se destacando sem estarem na posição correta, saindo em geral das orelhas ou do pescoço.

A terceira fase:

“**Garatuja intencional**: Aparecem nos desenhos outros elementos além da figura humana, quase compondo uma cena, ainda rudimentar”. (Stabile 1988, P. 22).

Nessa fase o desenho parece rabiscos, mas é dotado de significado intrínseco.

Os braços são desenhados primeiro, após elas desenharem as pernas em uma dimensão única para os dois (como se fossem palitos).

Os rostos em geral, apresentam olhos e boca com caricaturas alegres. Após vêm os cabelos e o nariz, ficando o desenho das orelhas para mais tarde, quando a criança já assimilou sua importância.

Um mesmo tipo de célula pode representar uma pessoa ou animal, o nome que a criança dá aos desenhos é a forma como ela os diferencia.

Segundo a Lei 9394/96:

DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da

criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;

II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Art. 31. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

É na Educação Infantil que começa a aflorar a criatividade das crianças, professores despreparados podem cometer erros gravíssimos que podarão a criatividade desta fase calçando traumas futuros.

2.1.2 Estágios da Evolução Gráfica

Na evolução gráfica Lowenfeld divide esse estágio em duas fases:

“**Fase pré-esquemática** (entre 4 e 5 anos): A criança começa a representar coisas de sua realidade e a exprimir sua fantasia, desenhando vários objetos ou o que imagina deles”. (Stabile 1988 p.26)

Os trabalhos irão se tornando completos, com valor representativo que já conhecem e o início de sua utilização como expressão do pensamento, da maneira como vêem, agem ou contam.

“Desenham o sol personificado (imagem residual), flores maiores que árvores, uma casa aqui, “eu” ali, tudo disperso pelo papel”. (p. 27)

Próprios da fase, esse elementos soltos indicam que a criança ainda não se encontra apta para relacionar letras e sons para poder aprender a ler e escrever.

Forçá-lo pode prejudicar o futuro de sua aprendizagem.

Seguram o lápis firmemente, mas, seus traços ainda encontram dificuldades. Essa fase é a melhor para exercícios que desenvolvem a coordenação visual motora.

O desenho da figura humana é variada em suas formas, mas bastante completos. Anexos no final desse trabalho. Se não ocorrer espontaneamente, não se deve forçá-la com questionamentos, pois, às vezes, seu desenho volta ser um puro treino gráfico.

Garatuja intencional: enquanto desenha, a criança conversa, conta histórias, que explicam seus rabiscos de diferentes formas.

Incentivá-las a esse pensamento imaginativo aumentem suas referências a partir de seu desenho, por exemplo, “perguntando quantos peixes são? onde eles vivem? Que cores eles têm? o que ele comem? As respostas podem aparecer no próprio desenho, enriquecendo-o”. (Stabile 1988 p. 30).

Flores e casinha aparecem freqüentemente como uma expressão de escola e lar. A figura humana é mais completa com cabeça e membros definidos com pés e mãos.

Ao final dessa fase a criança começa a misturar uma escrita fictícia, aos seus desenhos, traçados em formatos de serras ou pequenos elementos semelhantes aos nossos signos. É uma imitação de nossa escrita, que para elas é algo mágico ao alinhá-los, ligá-los entre si, certas que estão dizendo ou comunicando com isso alguma coisa.

Entramos em outra parte, **o Estágio Pré- Operacional** - Pré esquema (4 a 6 anos).

Segundo Stabile (1988 p.27) que descreve:

- pensamento intuitivo ainda forte;
- a fase dos porquês;
- ajuda por imitação ou para agradar;
- intensa exploração sensorial e motora;
- ação voltada para resultados concretos.

Há desproporcionalidade entre tamanho e distância, sabendo a diferença de tamanho ou de distância de uma coisa da outra. A criança desenha o que tem

naquele momento maior carga emocional para ela e não o que vê. Omissões, exageros ou desproporções mostram a importância desses elementos dentro da ação. Destaca o que mais lhe importa.

A criança utiliza até os 5 anos as cores como brincadeira, ora com uma outra, sem se importar com a realidade, mas sim com a cor que gosta mais. Só verdes ou só azul, figuras humanas mescladas de cores, de preferência as mais fortes, vermelho, preto, azul, amarelo.

Segundo Stable (1988 p. 33) há a fase numérica dois, **a esquemática da evolução gráfica.**

Fase esquemática (entre 5 a 6 anos); É a conquista do conceito de forma. Os desenhos revelam então realismo lógico (organização espacial) e descritivo (cheio de detalhes). As figuras agora se relacionam umas as outras.

A linha da terra ou a borda da folha desenhadas com um traço horizontal e o céu, a maior distância, dando espaços para as coisas nos lugares certos, mostrando assim, que a criança também é capaz de relacionar sons e letras, vinculando-as às palavras, indicando que estão prontas para aprender a leitura.

Os animais aparecem quase sempre de perfil, e o personagem aparece em 'situação', lugar definido.

Linha tracejadas, cruzadas, pontilhadas e convergentes são usadas. As curvas predominam, mas também surgem ângulos definidos.

Usam alguns recursos gráficos, notas musicais representando o canto dos pássaros, gotas próximas à cabeça, representam suor ou choro. Há maior preocupação em terminar o trabalho e escrever o próprio nome, geralmente em letras grandes.

Este é o apogeu do desenho infantil constante elementos novos surgem. Incentivar a autoconfiança e a criação propiciando atividades variadas, que motivam novos temas, descartando técnicas dirigidas ou os 'enfeitinhos', que só valorizam o produto final.

Começa aparecer a relação cor – realidade, pois as crianças conhecem e dominam.

Freqüentemente acontece a representação num só desenho de vários aspectos impossíveis de serem vistos simultaneamente, dando destaque ao que mais lhe é importante como o interior de uma casa, por exemplo, isso se chama desenho transparência, como se houvesse uma visão de raio- x, mostrando através da parede, também fazem navios cheio de compartimentos, aviões com os passageiros e piloto a bordo. Observar em anexo desenhos das etapas citadas do desenho.

Segundo Stabile (1988, p. 36):

...todas as crianças passam por essas mesmas fases evolutivas do grafismo, aqueles que entram na pré-escola com 2 ou 3 anos, geralmente superam essas etapas primeiro que as outras, enquanto que só vão para a escola aos 7 anos e não tiveram a mesma estimulação que as outras sem significar-lhe 'prejuízo' para um desenvolvimento posterior. O importante é que ela construa sua fase e conquiste com base o estágio seguinte.

Diferenças individuais, época e tipos de estímulos agrupam crianças heterogêneas quando ao desenvolvimento gráfico segundo Stabile que completa:

“É comum encontrarmos, por exemplo, numa classe de pré-escola (criança entre 4 e 5 anos) desenhos das fases da garatuja controlada, da garatuja internacional e do **pré-esquema**. O professor deve respeitar essas individualidade sem comparar os trabalhos de seus alunos”.

A evolução **desenho-escrita-esquema**.

“A escrita exerce verdadeiro fascínio sobre a criança. Isso acontece bem antes de ela própria poder traçar verdadeiros signos. É uma parte do universo adulto que, ser secreta, ganha prestígio e poder.” Stabile. (1988 p.36)

A criança desde cedo (3 ou 4 anos) tenta imitar a escrita dos adultos. Na escola iniciam uma série de movimentos em gestos, trabalhos de artes, exercícios no papel, cuja finalidade é desenvolver seu adestramento manual que é um preparatório para a escrita.

Tais exercícios são chamados escriptográficos grafomotores, exercícios de coordenação motora e também controle motor eles preparam a direção correta para o movimento de escrever, assim como o controle da precisão necessária para uma boa caligrafia. Ao mesmo tempo, esses exercícios, sugerem para a criança elementos que se parecem com a escrita adulta, que então começam a aparecerem em seus desenhos ora para representar uma idéia ou como simples ensaio isolados.

Ao atingir a idade escolar obrigatória, nota-se uma diminuição da produção pictórica, a escrita começa a concorrer com o desenho. Com a escrita vão surgindo novas possibilidades gráficas. Escrita e desenho então se misturam: a criança inscreve um texto no seu desenho, ou faz da escrita um jogo, usando o alfabeto como um pretexto para variações formais.

Em continuação à fase esquemática na evolução do grafismo infantil, há um período estacionário, no qual o desenho se mantém sem tantos progressos como os que ocorreram até chegar essa fase. Os acentos melhoram e os detalhes aumentam, mas não evolui, pois, a grande evolução agora é na escrita. Comumente aparecerão balões, como os dos gibis, que representam as conversas entre os personagens de seus desenhos e/ ou textos pequenos, que surgem para explicar melhor a ação ou situação deles.

Mais do que nunca, estimular a auto-expressão é papel do professor, propondo desenhos das explicações dadas em aula, dos passeios e das histórias e textos, desencorajando a cópia e o desenho estereotipado.

A seguir comentarei ainda que brevemente um pouco da música, cinema e teatro, escultura e educação, retornando a seguir com maiores características do desenho e suas fases evolutivas para a criança. Observar anexos quadros comparativos da correspondência entre as etapas evolutivas do grafismo e outras formas de expressão artística da criança.

2.2 OS CRITÉRIOS DE CONTEÚDOS PARA ARTE

Tais critérios para selecionar os conteúdos devem ser os de:

a) Conteúdos compatíveis com as possibilidades de aprendizagem dos alunos.

b) Valorização dos conteúdos (culturas dos povos).

c) Especificidades de conhecimentos e da ação artística.

Os conteúdos gerais para a arte, visam a expressão e comunicação, técnica, materiais como elementos básicos. Os produtores em Arte: vidas, épocas, produtos.

As imagens podem ser impressas de diferentes formas:

Linoleogravuras, xilogravuras, carimbos de batata, águas fortes e outros tipos de gravura em metal "... (Neubery 2005, p. 22).

Todos estes efeitos são conseguidos cortando um material rígido de modo a deixar áreas destacadas. A superfície é recoberta de tinta e pressionada sobre papel para fazer uma gravura. As litogravuras são feitas desenhando-se num bloco

de pedra com giz oleoso, umedece-se a pedra a tinta, a tinta adere ao giz, o bloco de pedra é colocado numa máquina com um rolo que transferirá a tinta para o papel, técnicas novas se misturam as antigas como estas na criatividade.

3. AS ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO

As artes visuais estão presente de forma a facilitar as aulas nas escolas, exigindo do professor, no entanto capacidade de conhecer e ensinar.

NA EDUCAÇÃO INFANTIL

“Em muitas propostas a pratica de artes Visuais são entendidas como meros passa-tempos (...) destituídas de significado”. (Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) p.61).

A arte não é uma forma de ‘ganhar’, ‘preencher’, o tempo que sobrou da aula sem planejamento, mas sim uma forma suave de formar o cidadão critico e participante na sociedade abrindo-lhe os olhos. O aluno pode com a Arte desenvolver suas habilidades, na criação e observação dos trabalhos.

“Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir “. (PCN/2001 p. 61)

A expressão do saber, do comunicar-se, do interagir com materiais variados do compreender a arte como fator histórico entre outros, são itens que os PCN's enumeraram para a arte capacitar os alunos do Ensino Fundamental, desenvolvendo-os para competência estética nas diversas modalidades artísticas: dança, música, teatro, artes plásticas, etc. Segundo os PCN's,os conteúdos da arte

trazem para o Ensino Fundamental a aprendizagem de formação cidadã, buscando participação, igualdade, compreensão, produção nacional e internacional. No entanto coisas simples que causam curiosidade até mesmo nos adultos deixam de ser exploradas, como por exemplo saber sobre a tinta, assim como em Ciências perguntas simples como: Por que chove? De que cor é o céu? Geram uma aula atrativa dependendo da criatividade do professor em arte uma pergunta curiosa poderia partir sobre a tinta, por exemplo.

3.1 TINTA

Mas o que é a tinta?

Todos sabemos que a tinta é comprada pronta, um material apropriado para cada atividade, mas como surgiu?

Segundo Neubery (2005, p. 10), em Como e porque se faz arte:

Os povos pré-históricos usavam argila colorida e materiais queimados junto com sangue, gordura animal e cera de abelhas para fazer as tintas. Os romanos importavam púrpura feita de moluscos moídos e obtinham o vermelho de um mineral chamado cinabre. Os monges medievais usavam têmpera, uma tinta feita de argila e minerais misturados com ovo ou cola.

Diferentes artistas utilizam diferentes meios de trabalho e trabalham suas tintas da maneira como querem, mas nada melhor que comprar é mostrar ao aluno as origens do material que utilizam e, embora não se espere que nasça nas salas de aula Picassos, Boticellis, da Vincis, Caravaggios, Monets... poderemos encaminhar nossos alunos as próprias descobertas artísticas.

Podemos até realizar trabalhos científicos, fazendo descobertas com a arte, na história, na geografia... na Idade Média por exemplo, as tintas eram

preparadas de nozes e sementes. Hoje em dia eles utilizam a tinta acrílica,, feita de substancias químicas.

“As tintas modernas, feitas em indústrias, passam por testes para verificar se são seguras para o uso e duráveis.” (Neubery 2005, p. 10).

Antigamente os pintores misturavam a tinta a óleo nas mãos, misturando o pigmento ao óleo. Os artistas modernos podem utilizar qualquer tipo de tinta que queiram.

3.1.1 Cores

As cores são uma forma de explorar com as crianças do ensino fundamental uma aula de Artes, vivemos em um mundo colorido.

“Há registros históricos que no séc. XVI e XVII alguns pesquisadores, como Newton e Descartes, buscavam explicar a existência das cores.” (Arte 2006, p. 114).

Por que o céu azul? E o gramado porque é verde? E os pássaros porque são multicoloridos?

Perguntas como esta podem a partir da Educação Infantil ganhar abertura para uma aula de arte rica. “... E das trevas fez-se a luz...” Então ela é o início de tudo?

Para a Física moderna, a luz é uma onda eletromagnética com frequência vibratória e diferentes comprimentos de ondas.

Issac Newton teve sucesso em fracionar a luz branca por um prisma nas cores do espectro cromático, a cor que enxergamos nos objetos é aquela que a luz branca não conseguiu absorver. No olho humano encontramos células denominada cones e bastonetes, que projetam impulsos nervosos nas células ganglionares, (que

fazem parte da retina), transmitindo ao cérebro informações necessárias. a sensibilidade.

Segundo o livro Arte (2006, p. 116):

A sensibilidade do olho à cor se dá por meio de pigmentos sensíveis à luz, presentes nos cones. Os bastonetes distinguem as diferentes intensidades de brilho (preto e branco). Apesar de possuírem apenas bastonetes, muitos animais enxergam melhor que o homem, como a águia, por exemplo, que vê os raios infravermelhos emitidos pelos corpos por causa da temperatura.

3.1.1.1 Divisão das Cores

Cores primárias e secundárias.

Cores primárias pigmentos	Cores secundárias pigmento
Magenta	Vermelho (amarelo + magenta)
Amarelo	Verde (ciano + amarelo)
Ciano (tom de azul)	Azul (ciano + magenta)

Fonte :Arte 2006,p.117.

As cores primárias-luz são diferentes das cores primárias, pigmento e são usadas na fotografia,TV, computador, entre outros. O branco é a soma de todas as cores luz, o preto é a soma de todas as cores da cor-pigmento e ausência total de cor na cor -luz.

Usamos roupas claras no verão, que absorvem menos luz do sol e sentimos menos calor, e escuras no inverno que para efeito contrario.

Ao acrescentar o branco ou o preto em cores puras temos escalas de diversos tons destas cores.

Muitos termos são difíceis de serem explicados cientificamente e a arte pode ser usada para mostrar na pratica a ação deles, como é o caso das cores.

Cores quentes e frias

“Essa relação de “temperaturas” cromáticas tem seu ponto de partida em três cores do arco-íris: azul, vermelho e amarelo.” (Arte 2006, p. 119).

O azul é considerado cor fria, associado ao céu, gelo, frio, ao passo que o amarelo e o vermelho são consideradas cores quentes, associadas de forma espontânea ao calor, fogo, sol. As cores quentes expandem, enquanto as frias dão a impressão de recuarem. Dependendo da cor espacial e da mistura de cada cor, uma cor pode tornar-se quente ou fria. Também temos as cores complementares, são cores que nos causam efeitos visuais, um exemplo, se pegarmos a bandeira do Brasil e trocarmos suas cores por vermelho (verde), azul (amarelo), alaranjado (azul), preto (branco), sem as estrelas, e a observarmos por 25 segundos e em seguida olharmos para um retângulo branco veremos as cores originais.

As cores também influenciam ns ambientes, no espaço, cores escuras ambientes pesados, cores claras ambientes aconchegantes, tons claros representam profundidade espacial, sensualidade e dinamismo, por isso se aconselha o uso de tons claros em tetos, ambientes internos, vitrines.

Se fossemos nos estender veríamos os truques usados nos cinema, o uso de cores para dar maior ou menos destaque a uma cena. Mas nosso objetivo é o de apenas induzir a novas pesquisas que possam enriquecer o universo das aulas de Arte.

3.1.2 O que é Bienal

Termos usados nas artes precisam estar mais presentes desde cedo, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental para que se possa familiarizar com eles.

Segundo o livro Arte (2006, p. 13), Bienal é:

...um evento, completo e complexo também, que pode envolver diversas modalidades artísticas, na qual podem ser expostas obras de Artes Visuais, Audiovisuais, Teatro e dança (a Performance é um exemplo).

Assumindo formato semelhante, os salões de arte como o Salão de arte Paranaense, que ocorre uma vez por ano, no Museu de arte Contemporânea em Curitiba, atualmente; as exposições da UNAP (União Nacional dos artistas Plásticos) de São Paulo que ocorre no Centro Cultural da Marinha; os salões da ALA (Associação Latino Americana de Arte) que envolve Brasil, Argentina e países vizinhos e que, no entanto, poucos conhecem enquanto cidadãos, professores e alunos.

3.1.3 Colagem

Atividades simples podem dar nas escolas noção de arte, como é o caso da colagem, técnica esta, muito utilizada pelos artistas pop, do francês *collage*, “a colagem é uma técnica, na qual diferentes materiais são colocados em uma superfície plana.” (Arte 2006, p. 95).

Os materiais disponíveis nas escolas públicas são escassos, ou poucos, ou nenhum, e o processo de colagem pode facilitar as aulas de arte usando objetos como folhas secas, papéis, pedaços de tecidos entre outros.

3.2 FERRAMENTAS DO OFICIO

Os artistas selecionam suas ferramentas cuidadosamente.

Aquarelistas utilizam papel grosso, absorvente e pincéis de boa qualidade, feitos de pêlo animal.

“Artistas que pintam quadros a óleo às vezes espremem a tinta direto do tubo ou espalham-na com uma espátula. A tinta a óleo pode ser aplicada sobre a tela

ou madeira, mas a superfície precisa primeiro, ser preparada com base.” (Neubery, 2005. p.12).

Ensinar nossos alunos a usar material de qualidade em seus trabalhos é uma forma de dizer-lhes que na vida é preciso ter qualidade no que se faz.

Até hoje, mais de 2000 anos, existem quadros egípcios, como o “Retrato do rapaz de olho machucado, para uma múmia”, em Fayum, Egito, pintado cerca de 18-161 d.C, que está em perfeita conservação de cores, pois o pigmento que o artista usou na época foi misturado com cera quente diluída e aplicado sobre madeira. (Neubery 2005, p.12).

Espalhada, borrifada, salpicada, aplicada com esponja etc., há varias formas de usar a tinta que não são ao contrário do que pensam, técnicas novas, Neubery (2005, p.12), diz que “nos tempos pré-históricos as pessoas espirravam tinta na rocha,” na França tem uma mão, na gruta de Pech Merle, que alguém fez espirrando tinta por cima da mão por volta de 24000-20000 a.C.

No entanto, mais do que tinta, “Adicionar outros materiais à tinta” também não é uma idéia nova. “Na Europa Medieval, os monges faziam cópias mão de páginas da Bíblia e decoravam-nas com folhas de ouro. Usar materiais preciosos era um modo de honrar a Deus. Na Índia, os pintores da corte aplicavam ouro em pequenas pinturas...” (Neubery, 2005 p. 16).

O uso de materiais diferentes para adquirir textura é uma forma de explorar a criatividade dos alunos.

3.3 ARTES VISUAIS 5ª A 8ª SÉRIES

Os Parâmetros de 5ª a 8ª séries são compostos pelos seguintes documentos:

O Volume 7 – Arte - A primeira parte do documento tem por objetivo analisar e propor encaminhamentos para o ensino e a aprendizagem de Arte no ensino fundamental.

Na segunda parte estão destacadas quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

A proposição sobre aprender e ensinar arte tem por finalidade apresentar ao professor uma visão global dos objetivos, critérios de seleção e organização dos conteúdos e orientações didáticas e de avaliação da aprendizagem de arte para todo o ensino fundamental.

As duas partes formam um conjunto de modo a oferecer aos educadores um material sistematizado para as suas ações e subsídios para que possam trabalhar com a mesma competência exigida para todas as áreas do projeto curricular.

3.3.1 A Arte no Segundo Grau

A Arte tem sido descoberta em todo seu papel social, quer no som, na cor, no movimento... a arte tem sido discussão de muitos estudiosos.

Termos como Bienal (Exposição Internacional de arte moderna que ocorre a cada dois anos); Rococó, Barroco (movimentos históricos da arte); surgem a todo momento mas poucos conhecem.

No livro Arte (2006, p.1), temos toda uma introdução da arte para o segundo grau.

Termos desconhecidos no meio social da maioria das pessoas precisam ganhar esclarecimento na visão dos vários autores da obra.

A arte é defendida como algo popular, a exemplo da arte pop: Pop Art, ou arte popular. (Arte 2006, p. 82). Ou seja, depende de uma aceitação popular, mas a arte também é elitizada, pois vivemos uma cultura de classes sociais diferenciadas, logo o que se vê é uma valorização da Cultura Erudita, refinada.

A cultura popular brasileira é ampla (artesanato, música sertaneja, festas, costumes, crenças), pois a miscigenação, ou seja, a mistura de etnias e culturas dos povos construíram nossa identidade.

Arte popular seria aquela que agrada ao povo. Ligadas a esta imagem temos o artesanato, a música, a dança, as festas, as cenas do Nordeste brasileiro, modelados em barro, as carrancas (cabeças enormes colocadas na proa dos barcos, esculpidas em madeira) colocadas na proa das embarcações que navegam no Rio São Francisco, no entanto, a arte popular “não é a arte feita pelo povo, mas produzida para o consumo de massa, como a pop musica”(Arte 2006,p.87) e, Richard Hamilton é considerado o “pai da pop art”, desde cedo manifestou “...entusiasmo por uma arte, em oposição à longa tradição cultural da Europa”. (Arte 2006, p. 87).

Andy Warhol (1928-1987) é considerado o “papa da pop art”, pois sua arte se inspira em objetos de consumo das massas urbanas (lâmpadas elétricas, enlatados, automóveis...); criou a técnica de serigrafia (onde varias reproduções podem ser feitas sobre papel ou tecido). Outro papa Pop foi Roy Lichtenstein (1960) trabalhou em suas obras as cenas de histórias em quadrinhos, usando uma técnica parecida com a do pontilhismo (ARTE 2006, p. 91).

As formas artísticas onde som e imagem se misturam tem aumentado, ouvir um CD ou assistir a apresentação de uma banda preferida, a opção seria assistir, o que mostra que a imagem influencia no prazer da arte.

Palavras como: "harmonia, tonalidade, composição, escala, textura" são usadas tanto na música quanto na pintura. (ARTE 2006, p.100).

As imagens como os sons são feitas de combinações de ondas que se caracterizam por seu comprimento e frequência.

"A luz são ondas eletromagnéticas e os sons são ondas mecânicas."(Arte 2006, p. 101).

Os gregos descobriram a partir de observação da natureza as proporções, no som, por exemplo, existem as "divisões harmônicas" descobertas por Pitágoras (582-497 a.C) a "proporção área", foi descoberta por Euclides (365-300 a.C), na geometria, mais tarde batizada por Leonardo da Vinci, com o passar do tempo tais conhecimentos se utilizaram em diferentes formas de arte, até nossos dias ocorrendo na arquitetura, escultura, música, pintura.

3.3.2 Artes Visuais na Educação Especial

Educar para diferenças, antes de mais nada, exige de nós orientadores educacionais, professores, educadores, seres humanos, uma análise profunda a respeito desse universo de diferenças que trás nosso alunado, diante de nossas faces, voltados a acolher de nós atitudes e orientações capazes de lhes ajudar na solução imediata de suas dificuldades, quer físicas, psicológicas, sociais ou outras.

A realidade de nossas escolas públicas hoje, nos faz parar para descobrir formas diferenciadas de pôr em prática informações capazes de fazer de nossos

educandos pessoas que se destacam socialmente, independente de idade, raça, cor, credo, posição social ou qualquer outra característica.

Educar para diferenças afeta diretamente nós educadores, enquanto pessoas que fazem a diferença social da informação, fazendo-nos manter antes de tudo, informados, aptos para soluções diferenciadas para situações decorrentes de tal diversidade.

Fonseca, 1995, fazendo uma sinopse histórica nos diz que:

... toda marca ou estigma (do grego stigmas) traduz um conjunto de valores e de atitudes dependentes do envolvimento cultural em que o indivíduo se encontra. Através dos tempos, desde Hipócrates até hoje, os estigmas sofreram alterações semânticas significativas. Desde a seleção natural, além da seleção biológica dos espartanos – que ‘eliminavam’ as crianças malformadas ou deficientes-, passando pelo conformismo piedoso do cristianismo, até à segregação e marginalização operadas pelos ‘exorcistas’ e ‘esconjuradores’ da Idade Média, a perspectiva da deficiência andou sempre ligada a crenças sobrenaturais, demoníacas e supersticiosas. Ainda hoje, estes aspectos veiculam a ignorância, ignorância que, por sua vez, gera atitudes de culpabilização, compaixão, desespero e indignação. (p.8)

Por “marginalização” Mazzotta 1995 descreve “ausência de atendimento organizado na sociedade, é uma ação que reflete uma atitude social de descrença nas possibilidades de mudança da situação da pessoa.” (Mazzotta, 1995 p.3)

A idéia social de que o ser “deficiente”, “incapacitado”, “inválido” são condições imutáveis, levam à completa omissão social em relação à organização de serviços quem venham atender tais necessidades individuais populacionais.

Para Gardner, “a escola deveria ser modelada de forma a atender às diferenças entre os alunos em vez de ignorá-las”. (Cadernos da TV Escola, 1999).

Os diferentes tipos de inteligência contrastam-se com os diferentes tipos étnicos que temos diante de nossa sociedade:

- Inteligência musical; (habilidade para aprender música e atividades do gênero);

- Inteligência espacial; (habilidade para figuras, desenhos);
- Inteligência lógico-matemática; (habilidades em cálculos);
- Inteligência lingüística; (habilidade para aprender línguas);
- Inteligência interpessoal; (habilidade de lidar com os outros);
- Inteligência intrapessoal: (habilidade de se auto-ajudar, sentir bem);
- Inteligência Naturalista (habilidade para lidar com plantas).

Nossa atual LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), confirmam direitos educacionais já previstos constitucionalmente em 1988.

As Inteligências musicais; (habilidade para aprender musica e atividades do gênero) e espacial; (habilidade para figuras, desenhos), é que nos interessam mais aqui.

É importante falar a respeito da diversidade dos alunos que participam das oficinas, e que não estarão sendo separados por suas deficiências, mas pela sua faixa etária, pois precisamos começar a ter uma postura inclusiva até mesmo trabalhando a diversidade existente dentro da própria instituição APAE, que é uma escola especial.

... postura inclusiva não é aquela que desconsidera as diferenças, ou faz de conta que todos somos iguais, mas, ao contrário, aquela que pressupões que é a partir das diferenças que poderemos construir um universo mais rico de aprendizagem e de produção da vida sociocultural. (MARTINS, 2002: 38).

A melhor maneira de se trabalhar com as diversas deficiências é estar sempre considerando a sua idade cronológica, valorizar a sua produção e sua criatividade durante as aulas, usar as experiências corporais e musicais explorando as e introduzindo novos conceitos dentro das atividades.

Planejamento geral para todas as oficinas: Buscar através da aprendizagem os conteúdos pedagógicos proporcionando um conhecimento global de mundo dando oportunidade ao aluno para que ele crie, invente e possa transformar a realidade; Valorizar a produção dos alunos enquanto pessoas que criam, desenvolvendo a sensibilidade, a percepção e imaginação através dos recursos da ARTE.

Coral:

Exercícios de psicomotricidade, ritmo, harmonia, afinação, pulsação, etc.;

Expandir o repertório musical dos alunos através de suas vivências e também proporcionando um aprimoramento no gosto pessoal; preparação de várias músicas para serem apresentadas.

Musicalização:

Percepção e identificação dos elementos da linguagem musical em atividades de produção, explicitando-os por meio da voz, do corpo, de materiais sonoros e de instrumentos disponíveis.

O que deve ser observado é o desenvolvimento global não só de alunos com deficiência, mas do indivíduo, em sua essência pessoal e social, considerando cada ser único e com potencialidades diferenciadas. A preocupação maior das APAEs e de seus professores era de mostrar trabalhos e apresentações dizendo estar incluindo aqueles alunos por meio da arte, tanto nas escolas da rede regular de ensino como nas escolas especiais, de forma geral, está desarticulado de conceituações teóricas sobre a própria arte e também sobre o ensino, no que se refere ao processo de desenvolvimento que envolve as características intelectuais da pessoa com necessidades educativas especiais deve ser respeitada e valorizada, mas mesmo nestes casos, a arte é vista simplesmente assumindo um papel de

atividade prazerosa, infantilizada e muitas vezes confundida por ser inclusiva somente expondo o sujeito a certos tipos de atividades que todos realizam. Verifica-se, mesmo existindo diferentes influências teóricas e tendências pedagógicas na educação, que ainda há correntes que acreditam que toda manifestação e produção artística são conseqüências do espontâneo, do sentimento, emoção, fazendo parte de cada um e colocando arte como mero instrumento de externalização.

O resultado dessa discussão envolvendo a especificidade do ensino de arte dentro das APAEs, nos leva a refletir sobre a prática do ensino de arte e a maneira como ela é aplicada. Esta reflexão é importante considerando a história do ensino de arte, que hoje busca um espaço, e uma valorização maior dentro das escolas (seja escola da rede regular de ensino, ou escola especial).

A Sociedade Pestalozzi, sob a orientação de Helena Antipoff, é pioneira no trabalho com arte para e com pessoas com necessidades educativas especiais, servindo de referência para as outras entidades e se estendendo as APAEs, e programas como Arte sem Barreiras, que promovem festivais e congressos de Educação em Arte para difundir e ampliar conhecimentos e experiências sobre a arte na educação especial.

Dentro das escolas especializadas das APAEs, que têm por finalidade atender educandos com deficiência, foram implantadas algumas estratégias de ações para que o trabalho acontecesse voltado para a formação escolar dos alunos. Mesmo que as APAEs tenham vindo de uma matriz segregadora, existem esforços dentro delas para que a Educação Especial não seja pensada e desenvolvida à parte do contexto educacional.

... tendo, como referência apenas o cap. V da LDB. A Educação Especial é uma modalidade escolar que deve estar inserida nos níveis de ensino para estar constituída no sistema de ensino como um todo. (Federação Nacional das APAEs, 2001: 18).

Com base em fundamentos legais surge a proposta para a implantação de um conjunto de estratégias de ações pedagógicas e escolares que recebeu o nome de APAE Educadora, conjunto este elaborado pelas próprias APAEs, e para elas. A finalidade da APAE Educadora é criar e oportunizar o atendimento ao aluno deficiente para que ele possa superar as dificuldades relacionadas a aspectos específicos de seu desenvolvimento e, principalmente, enfatizando o aspecto educacional como parte fundamental para sua evolução.

Existem quatro áreas de abrangência nos serviços ofertados pelas APAEs, sendo elas: saúde, educação, trabalho e assistência social. De acordo com a Apae Educadora, o ensino de arte entra como componente curricular na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e Educação Profissional, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei 9.394, de 20/12/96, artigo 26, parágrafo 2º:

O ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (BRASIL, 1997: 32).

Dentro da proposta do Movimento Apaeano, a arte tem duas grandes linhas de ação: a primeira orientada pela APAE Educadora, integrando a proposta pedagógica das escolas especializadas da APAE, como componente curricular, e a segunda se alinham com o desenvolvimento de projetos especiais nas diversas linguagens artísticas. A primeira linha de ação tem objetivos, conteúdos e metodologias orientadas pelo Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Médio. Já a segunda objetiva vivências para realização de mostras, festivais, concursos

visando o reconhecimento social da família e comunidade onde vive (FEDERAÇÃO NACIONAL DAS APAES, 2001: 19).

Para dizer que existe o ensino de arte dentro da escola é preciso antes saber o que significa arte e o que ensinar, não se ensina arte sem ter experiência e sensibilidade artística, um depende do outro, o conceito e a realização. O professor, nesse contexto vai além da valorização da expressão individual de cada um, ele é o incentivador do conhecimento de mundo e do eu, é a ponte entre o saber e o construir. E para isso ele tem que ter noções e conceitos formados metodologicamente e não provenientes do senso comum e de frases feitas.

Ser professor de artes não implica somente em ter habilidade, exige uma formação teórica, metodológica e didática. Não pode estar ligada apenas ao simples fazer manual. O professor de artes deve pesquisar, estudar e exercitar sua expressão artística, pois só assim poderá estar selecionando propostas significativas para seus alunos, deixando de propor exercícios de repetição mecânica com modelos prontos caracterizados pela pedagogia tradicional.

O conceito de arte deve ser ampliado e sua atuação preocupada com questões que envolvem a expressão pessoal de valores, sentimentos, relações, cognição e significações, visto que envolvem subjetividade. Ela vai ser um veículo para a interação dos alunos edificando uma relação de autoconfiança, com propostas pedagógicas e de produção. Não pode ficar somente do âmbito do fazer irrefletido, sendo que a arte tem conceitos a serem aprendidos e utilizados por qualquer ser humano, os tornando mais sensíveis e criativos.

No entanto, a arte deve considerar a pessoa com necessidades educativas especiais enquanto humano, histórico, social, cultural e também simbólico. O aluno com necessidades educativas especiais aprende, mas é

necessário que o professor saiba o que propor e em que situações deve elaborar as atividades, dentro de suas especificidades, habilidades e dificuldades.

A educação em arte tem uma história cheia de preconceitos, que a deixa sendo considerada como lazer e diversão, somente ficando distanciada das conceituações teóricas e metodológicas.

3.4 TRÊS PILARES DO ENSINO DE ARTE

“Os objetivos do ensino de arte se sustentam sobre três pilares: formação dos sentidos, conhecimento artístico, atividade de apreciação e produção artística”. (Tavares 2004, p. 17).

Embora o objetivo seja o de se trabalhar os três eixos em conjunto, falaremos deles separadamente.

A formação dos sentidos nos ensina a ver e ouvir, observar além das aparências dos objetos, percebendo os aspectos que traduzem seu significado no cotidiano.

Para Tavares 2004, “é indispensável para a compreensão do que acontece ao nosso redor, a leitura de formas, de sons, e do modo como as pessoas se relacionam e isso se dá através da formação dos sentidos. (Tavares 2004, p. 17).”

Conhecimento artístico: é o segundo eixo, e constitui-se no estudo dos diferentes modos de compor com os elementos formais de cada linguagem, sem no entanto, perder de vista o contato com “a cultura visual, sonora, cênica e da dança” (Tavares 2004 p. 18)

Considera-se cultura, não apenas o conhecimento da História da Arte, das Técnicas e o contato com os objetos consagrados como obras de arte, mas também, que é fundamental ao aluno, a exploração do universo das imagens, dos sons e dos movimentos participantes do nosso entorno, cartazes, programas de rádio e TV, arquiteturas, fachadas e outros... o contato com a cultura de outros grupos, estabelece relações entre o significado que possui para aquele grupo e para nós.

Máscaras africanas, pinturas corporais indígenas, etc., são diferentes formas de linguagem, trazem diferentes significados, tem sentido para o povo ao qual elas representam.

O conhecimento artístico envolve as seguintes questões:

O que é? Uma pintura, uma canção, uma comédia, etc.

Quem faz? Quando? Onde? A arte evoluiu e evoluiu, existem períodos de evolução que marcam estilos e épocas, lugares, culturas...

Como? Esta questão é referente a um determinado estilo, que inclui o conhecimento, a técnica de composição, o material utilizado, o modo de cada artista.

Nas Artes Visuais, organizamos “uma composição a partir da forma ou superfície, linha, cor, luz, e volume”, já na música, nos utilizamos dos seguintes elementos: “timbre, intensidade, densidade, duração e altura”, no teatro, “a representação é estruturada a partir da ação, do personagem e do espaço cênico” (Moura 2004, p. 18/19).

Por quê? Relaciona-se ao sentido de determinado objeto na vida humana.

Mas há um segundo objetivo, segundo Moura (2004, p. 19), para o ensino da arte: o de possibilitar ao aluno, de acordo com seu olhar e o seu conhecimento, o domínio de diferentes formas interpretativas do significado dos objetos.

Segundo Jose Contreras 1989 in (Souza 2003, p. 3):

...o currículo diz respeito ao conjunto das decisões educativas para a escola... deve ser entendido, como uma ferramenta conceitual que supõe sempre, de forma explícita ou tácita, uma resposta às perguntas: o que ensinar, como e por que?

Estamos muito acostumados aquele pequeno universo que nos oferecem quando recebemos nas nossas primeiras instruções como estudantes de professores, o giz e o quadro negro.

Numa época em que ouvimos falar em reciclar é necessário a reciclagem artística utilitária, fazer dos objetos algo com boa imagem e com utilidade o máximo possível.

Mas há um segundo objetivo, segundo Moura (2004, p. 19), para o ensino da arte: o de possibilitar ao aluno, de acordo com seu olhar e o seu conhecimento, o domínio de diferentes formas interpretativas do significado dos objetos.

3.5 COMO AVALIAR EM ARTE SEGUNDO OS PCNs?

Na visão dos PCN's os critérios para avaliar em Arte no decorrer das quatro séries iniciais do Ensino Fundamental, progressivamente o aluno devem considerar a capacidade do aluno criar formas artísticas estabelecendo relação entre seu trabalho e dos outros e identificando os elementos de linguagem visual encontrados nas múltiplas realidades.

Reconhecendo e apreciando trabalhos artísticos através das próprias criações, conhecimentos e reflexões. (PCNs 2001, p.60).

O que se vê nos planejamentos escolares é uma certa indiferença a tais possibilidades e a imaginação não é explorada nos conteúdos propostos.

Segundo Stabile (1988 P.8):

Auto-expressão em Expressão Artística na Pré-Escola:
Desde bem pequena a criança tem necessidade de expressar.
Uma vez que a linguagem infantil ainda esta em formação e a

escrita longe de ser dominada, as atividades artísticas tornam-se a forma mais fácil e sincera de comunicação de sua atividade mental.

Manifestar-se com seu interior, auto expressando-se faz com que a criança se encaminhe para um ajuste pessoal, já que seu mundo interior está mais manifesto, a segurança no relacionamento social tende a ser mais ajustado.

O que a maioria das pessoas ignora é que arte é liberdade de expressão. Conceitos como feio ou bonito não cabem nas aulas de arte pré-escolares, como diz STABILE (1988 P.):

“O projeto artístico infantil tem valor não pela sua beleza e conteúdo, mas simplesmente porque é uma expressão natural e espontânea”. O que comumente se vê nas salas de aulas são cópias de modelos dos adultos, desenhos prontos, regras de conduta de como fazer uma aula de “educação artística”.

“A falta de motivação é causada por características pessoais do aluno e contexto da escola”. (Revista do professor Nova Escola, pág. 14 no artigo S.O.S. sala de aula).

Se o aluno vem para uma escola sem vida, sem espaço, sem liberdade, de expressão, a desmotivação o levará ao fracasso ou ao abandono escolar. O artigo da revista citada acima ainda completa:

As motivações intrínsecas vêm do próprio aluno: à vontade de aprender e de buscar soluções para os problemas a escolha e a realização de tarefas que sejam atraentes e desafiadoras para ele. (Revista do professor Nova Escola, pág. 14 no artigo S.O.S. sala de aula).

A expressão artística não é algo do exterior extrínseco para o interior intrínseco, e sim do interior para o exterior. Nasce de dentro e surge para vencer desafios, preencher expectativas e criar novos horizontes. Mas isso é educação? Afinal, o que é educação?

Segundo Brandão, (1981, p.7):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação.

Se a educação está presente cotidianamente em nossas vidas e a arte onde está? Também se presencia no cotidiano de cada um de nós. O que é arte? Arte é todo tipo de trabalho que use a criatividade seja de forma consciente ou não para que se possa obter um bom resultado.

CONCLUSÃO

Sabemos que este trabalho está longe de encerrar as perguntas a respeito da importância da arte na educação, mas chegamos a conclusão de que para o bom funcionamento de uma aula de arte, o ideal é um ateliê com áreas livres para movimentação corporal, algumas mesas grandes e bastante luz.

E necessário também um armário para materiais comuns da classe, um lugar para secar os trabalhos dos alunos e lavatório de acesso fácil; A maioria das escolas não tem estrutura para suprir as necessidades dos alunos. Materiais simples como guache, cartolina, cola, tesoura, não parecem acessíveis a todas as crianças da turma

As aulas de teatro, por exemplo, usam a imaginação da criança. A possibilidade de ajudar a professora ensina a criança a se organizar.

Nunca devemos indagar a criança indiretamente sem sugerir o que ela desenhou, como por exemplo: Isso é um peixe? Mas perguntar-lhe simplesmente; O que você desenhou? Para que a criança se manifeste quando quiser.

Estimular sempre sem exagerar nos elogios para a criança não repita sempre o mesmo trabalho deixando possibilidade de progredir graficamente de lado.

A criança desde cedo (3 ou 4 anos) tenta imitar a escrita dos adultos. Na escola iniciam uma série de movimentos em gestos, trabalhos de artes, exercícios no papel, cuja finalidade é desenvolver seu adestramento manual que é um preparatório para a escrita.

Tais exercícios são chamados escriptográficos, grafamotores, exercícios de coordenação motora e também controle motor que preparam a direção correta para o movimento de escrever, assim como o controle da precisão necessária para uma boa caligrafia.

Ao mesmo tempo, esses exercícios, sugerem para a criança elementos que se parecem com a escrita adulta, que então começam a aparecerem em seus desenhos ora para representar uma idéia ou como simples ensaio isolados.

Ao atingir a idade escolar obrigatória, nota-se uma diminuição da produção pictórica, a escrita começa a concorrer com o desenho. Com a escrita vão surgindo novas possibilidades gráficas. Escrita e desenho então se misturam: a criança inscreve um texto no seu desenho, ou faz da escrita um jogo, usando o alfabeto como um pretexto para variações formais.

Assim a evolução gráfica contribui para a evolução da escrita.

Para que a Arte faça seu papel e cumpra sua função na sociedade, de levar a criatividade, produzir recursos financeiros, liberar talentos, criar meios economicamente formas de produção e de exportação ao invés de importação de produtos estrangeiros, é preciso desempenhar desde cedo em nossas escolas a criatividade.

Não é preciso ser doutor em Arte para saber ler suas entrelinhas. Mas além da arte pela arte, podemos encontrar a arte/educação. Devemos lembrar que a palavra Arte, em maiúscula se refere à disciplina de Arte e arte em minúsculo, a qual falaremos mais no desenvolvimento deste estudo, se refere à criatividade que todos nós temos, umas bem trabalhadas, outras escondidas em meio a “traumas”, a atitudes negativas, a falsos elogios ou críticas desmedidas, comentários mal feitos, que impedem de fato o progresso de métodos educativos.

Nossa proposta de Arte, não é a de transformar os alunos em Picassos, Da Vincis, Tarsilas, mas sim, a idéia de criar em nós professores, e em nossos alunos uma nova concepção do que é Arte deixando de enganar, usando o titulo de arte para aulas vazias utilizadas para preencher o tempo vago de uma outra aula mal planejada, ou de um passatempo na hora em que o cansaço da rotina incomoda.

Embora tenha sofrido mudanças, o papel da arte tem tentado ser compreendido ao longo do tempo, sendo a arte vista como um meio pedagógico de ensino. Muitos vêem a história da arte como um estudo simplificado da evolução ocidental, o assunto inclui todos os momentos históricos da Europa Ocidental, as pinturas da dinastia Tang, na China.

Johann Joachim Winckelmann no séc.XVIII, estabeleceu os fundamentos para o estudo da história da arte, porém, esse tipo de história só se tornaria acadêmico a partir de 1844, na Universidade de Berlim. (Wikipédia, p,1 26-06-09: 15:16 hs).

No séc. XX, Erwin Panofsky rejeitou o formalismo de Wölfflin em seus estudos de iconografia. Ernst Gombrich, foi figura importante nessa área, com sua popular divulgação da História da Arte (1950) e seu relativismo cultural.

Em recentes estudos históricos de arte, a partir de 1980, houve uma valorização das ideologias de determinados grupos sociais como os estudos feministas, por exemplo.

A visão de arte então segundo o site Artes br/15:50,24-06-09) seria:

“Um conjunto de procedimentos que utilizamos para realizar obras, e no qual aplicamos nossos conhecimentos. Se apresenta sob variadas formas como: a plástica, a música, a escultura, o cinema, o teatro, a dança, a arquitetura etc. Pode

ser vista ou percebida pelo homem de três maneiras: visualizadas, ouvidas ou mistas (audiovisuais), hoje alguns tipos de arte permitem que o apreciador participe da obra. O artista precisa da arte e da técnica para comunicar-se.”

A arte tem sua função social, quer seja: decorar, espelhar, ajudar, descrever a história, vemos o mundo através da arte, o tempo, o modo, como foi feita descreve fatos históricos, sociais.

Exploradores, comerciantes, vendedores e artistas fazem com que a arte se espalhe pelo mundo em diferentes culturas, bem como o faz também a tecnologia e as técnicas modernas de divulgação.

Além de todo papel histórico/social da arte, dos desenvolvimentos que ela possibilita Moura (2004) revela que há um segundo objetivo, segundo Moura (2004, p. 19), para o ensino da arte: o de possibilitar ao aluno, de acordo com seu olhar e o seu conhecimento, o domínio de diferentes formas interpretativas do significado dos objetos.

Segundo Jose Contreras (1989 in Souza 2003, p. 3):

...o currículo diz respeito ao conjunto das decisões educativas para a escola... deve ser entendido, como uma ferramenta conceitual que supõe sempre, de forma explícita ou tácita, uma resposta às perguntas: o que ensinar, como e por que?

Estamos muito acostumados aquele pequeno universo que nos oferecem quando recebemos nas nossas primeiras instruções como estudantes de professores, o giz e o quadro negro.

Numa época em que ouvimos falar em reciclar é necessário a reciclagem artística utilitária, fazer dos objetos algo com boa imagem e com utilidade o máximo possível.

A cultura se encontra nos grupos sociais, de uma forma ou de outra se faz presente.

“Ao estudar sobre as culturas do povo brasileiro, busca-se que a criança amplie a noção de diversidade cultural, procurando compreender de que forma as sociedades estruturam-se em suas diferentes formas de manifestações. (Medeiros 2004, p. 44)”.

O estudo visa o conhecimento e a compreensão das culturas como criações humanas, ampliando a visão de diversidade cultural, que procura compreender de que maneira os grupos humanos se conhecem e reconhecem, nas suas diferentes formas de vida.

Temos o privilégio, segundo o autor, de viver em um país, que possui a maior diversidade cultural do mundo.

Há aqui, um misto de tradições que se fundem, festas populares, festas religiosas, folguedos e hábitos regionais que se realizam anualmente, e que podem facilmente transformar nossas aulas monótonas.

Considera-se cultura, não apenas o conhecimento da História da Arte, das Técnicas e o contato com os objetos consagrados como obras de arte, mas também, que é fundamental ao aluno, a exploração do universo das imagens, dos sons e dos movimentos participantes do nosso entorno, cartazes, programas de rádio e TV, arquiteturas, fachadas e outros... o contato com a cultura de outros grupos, estabelece relações entre o significado que possui para aquele grupo e para nós.

Máscaras africanas, pinturas corporais indígenas, etc., são diferentes formas de linguagem, trazem diferentes significados, tem sentido para o povo ao qual elas representam.

O conhecimento artístico envolve as seguintes questões:

O que é? Uma pintura, uma canção, uma comédia, etc.

Quem faz? Quando? Onde? A arte evoluiu e evoluiu, existem períodos de evolução que marcam estilos e épocas, lugares, culturas...

Como? Esta questão é referente a um determinado estilo, que inclui o conhecimento, a técnica de composição, o material utilizado, o modo de cada artista.

Nas Artes Visuais, organizamos “uma composição a partir da forma ou superfície, linha, cor, luz, e volume”, já na música, nos utilizamos dos seguintes elementos: “timbre, intensidade, densidade, duração e altura”, no teatro, “a representação é estruturada a partir da ação, do personagem e do espaço cênico” (Moura 2004, p. 18/19).

Por quê? Relaciona-se ao sentido de determinado objeto na vida humana.

A atividade artística inclui tanto a produção de desenhos, músicas, pinturas, coreografias, mímicas, gravuras, fantoches, etc., quanto a apreciação da produção cultural. (Tavares 2004, p. 19)

O homem enquanto ser humano capta tudo ao seu redor. “Expressa o que tem de interior, de pessoal. Diante do mundo, da história e das pessoas, o homem é chamado a dar uma RESPOSTA: é chamado à COMUNICAÇÃO e à COMUNHÃO” (IESDE, 2003, p. 67).

Esta resposta humana é diferente da resposta dos outros animais, pois estes emitem “ecos”, já a resposta humana é consciente, original e pessoal.

Por ser consciente de si o homem busca paralelamente: possuir-se, fixar-se, definir-se; doar-se, sair de si, expandir-se...

O ser humano é capaz de comunicar-se com outrem, é capaz de pensar e escolher suas atitudes e assim, de expressar de variadas maneiras.

A comunicação surge desde que nascemos e é por meio dela que crescemos e nos renovamos.

O homem como ser aberto, “ser-de-relações”, busca à realização social, e, se torna pessoa se socializando com outras e transmitindo idéias, convivendo com opiniões e outras formas de expressões.(dança, teatro, artes plásticas, poesia, literatura, etc.);

A convivência faz a descoberta do outro, diz Marin Buber APUD IESDE, 2003, p. 68, descobrir e aceitar as diferenças enriquece nosso relacionamento com as pessoas. Conviver é descobrir o outro, desde que este esteja aberto a revelar-se, a expressar-se.

Se o outro atende ao meu apelo abre-se um relacionamento a base de confiança.

A comunicação com o outro pode ocorrer de diversas maneiras, artisticamente, dialogicamente, etc.

Para haver a comunicação é necessário decifrar o código do outro, sua forma de expressão.

Arte é comunicação. É expressão. Para ler uma obra de arte e estar alfabetizado visualmente e decifrar os códigos da linguagem artística é preciso: “conhecer... exige do apreciador um esforço de interpretação das formas simbólicas para percebe-las como a expressão de outro sujeito e como a mensagem a ser compreendida.” (Schilichta, 2004. p. 79).

A Arte deve respeitar os alunos, na liberdade de criar, o aluno deve respeitar a arte compreendendo todo seu papel social, educador, conscientizador, histórico.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 1981 Brasiliense. São Paulo: SP, 116.

D'AQUINO, Flavio. **Artes Plásticas I: Biblioteca Educação é Cultura**. Rio de Janeiro: Bloch: FENAME, 1980.

FEIJÓ, Martin Cezar. **O que é Política Cultural**. Brasiliense. SP 198380 p.

“Geometria,” **Enciclopédia Microsoft® Encartar** ® 99.(c), 1993-1998 Microsoft Corporation.

LORENZATO, Sérgio. **Por que não Ensinar Geometria? Educação Matemática em Revista**. Geometria.SBEM-Ano III- 1º Sem. 1995, p. 03-13

NEUWBERY, Elizabeth. **Os segredos da Arte**. Àtica 2005 SP 1ª ed.

NEUWBERY, Elizabeth. **Como e porque se faz Arte**. Àtica 2005 SP 1ª ed.

SCHILICHTA, Consuelo Alcione Borba Duarte. **Artes Visuais e Música**. Curitiba: IESDE, 2004 p. 280.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte**. volume 6 2001, Brasília MEC/SEF.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, **Um Brasil para crianças**, 3ª ed. São Paulo: Global Universitária, 1988.

STABILE, Rosa Maria. **A expressão Artística na Pré-Escola**. São Paulo: FAE/ INL, 1988.

Schilichta, Consuelo A.B. Duarte. **Artes Visuais e Música**. IESDE/BR 2004.208p

IESDE BRASIL S.A **Homem Cultura e Sociedade**_ Curitiba, 2003 110 p.

-SILVA, Maria de F. M. Caldeira **Currículo estruturado: implementação de programas pedagógicos**. Curitiba IESDE, 2006 188p.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil e Glossário. Brasil-Constituição 1988- Rio de Janeiro FAE, 1989, 176 p.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais 2001. Ministério da Educação Fundamental. Volumes: 8,9,10. Apresentação dos Temas Transversais e Ética-Meio Ambiente e Saúde, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

Realidade brasileira-Freyre, Gilberto.Bloch: Fename,1980.

TORRES, P. L. **Uma leitura para os Temas Transversais: Ensino fundamental**. Curitiba: SENAR-PR 2003, 620p.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/ Ministério da Educação e do Desporto**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. 3. Conhecimento de Mundo.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, L. A. **Educação, Estado e democracia no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Niterói: UFF; Brasília, DF: FLACSO do Brasil, 1995.

NEWBERY, Elizabeth. **Por Dentro da Arte. Como e por que se faz arte**. Ática SP 2005 63 p.

RAFFA, Ivete. **Fazendo Arte com os Mestres**. Escolar 2006. SP 160 p.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais, Arte**. volume 6 2001, Brasília MEC/SEF

SCHILICHTA, Consuelo Alcione Borba Duarte. **Artes visuais e música**. Curitiba: IESDE, 2004 p. 280.

RCN Referencial Curricular Nacional Brasil ... v.3 2002);

SALDANHA, A.C. et all. **Manual de arte Educação: uma dinâmica para o desenvolvimento**. Brasília: Federação Nacional das APAES, 1999.

TEBOLA, L.M. **Arte, Cultura, Educação e Trabalho**. Brasília, 2000. Federação Nacional das APAES.

D'Aquino, Flavio Artes Plásticas – I. **Biblioteca Educação é Cultura**. Rio de Janeiro: Bloch: FENAME, 1980.

site.Artes br.hpg.ig.com.br/Educação 15:50/24-06-09.p.1

<http://wikipédia.com.br> 24-06-09 15:16

Brandão 'O que é Educação', 18º edição